



CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE ITAITUBA
FACULDADE DE ITAITUBA - FAI
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA

EDINELMA FERREIRA LIMA

**DESAFIOS EM ALFABETIZAR ALUNOS COM TEA: Análise na
Escola Municipal de Ensino Fundamental Carmem Valente no
Município de Jacareacanga–Pará**

ITAITUBA/PA

2022

EDINELMA FERREIRA LIMA

**DESAFIOS EM ALFABETIZAR ALUNOS COM TEA: Análise na
Escola Municipal de Ensino Fundamental Carmem Valente no
Município de Jacareacanga–Pará**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Faculdade de Itaituba para obtenção do título de
Licenciado Pleno em Pedagogia.

Orientadora Prof.^a Edilane da Silva Melo, Esp.

ITAITUBA/PA

2022

EDINELMA FERREIRA LIMA

**DESAFIOS EM ALFABETIZAR ALUNOS COM TEA: Analise na
Escola Municipal de Ensino Fundamental Carmem Valente no
Município de Jacareacanga-Pará**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Faculdade de Itaituba para obtenção do título de
Licenciado Pleno em Pedagogia.

Orientadora Prof.^a Edilane da Silva Melo, Esp.

BANCA EXAMINADORA

Presidente: _____ Nota: _____

Prof.^a Edilane da Silva Melo, Esp.

Avaliador: _____ Nota: _____

Prof.^a Lucia Maria da Costa Cruz, Esp.

Avaliadora: _____ Nota: _____

Prof. Dhemesbraene Soares da Silva, Esp.

Resultado: _____ Média: _____

Data: 29 de Julho de 2022

Dedico esse trabalho de conclusão de curso, primeiramente ao meu Deus, a minha família e principalmente ao meu marido que sempre me incentivou.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar agradeço a Deus por ter me mantido firme nessa caminhada, para que hoje eu possa estar concluindo o curso de licenciatura plena em pedagogia.

Aos meus pais, que sempre estiveram ao meu lado, proporcionando apoio incondicional e pensamentos positivos.

Aos meus filhos, que apesar de todas as dificuldades que passamos, nunca me deixaram cair, ficando triste a ponto de desistir.

As minhas primas, **Clara Lima** e **Ritania Lima** que foram essenciais nessa minha jornada árdua.

Aos meus colegas que estudaram comigo em todos esses períodos de jornada acadêmica.

À minha orientadora **Edilane Melo**, que não mediu esforços durante as suas orientações, a você professora gratidão.

Em especial quero mencionar meus agradecimentos a **Amanda Hellen**, pelos dias incríveis que passamos juntas, pelos nossos cantos de todos dias, pelas dicas que foram essenciais para que pudéssemos dar continuidade.

Enfim, agradeço de forma sincera a todos que mediaram e contribuíram para a minha vitória, e incentivaram de forma direta ou indireta para a conclusão do curso.



Do lado de fora, olhando para dentro, você nunca poderá entendê-lo. Do lado de dentro, olhando para fora, você jamais conseguirá explicá-lo. Isso é autismo.

Autism Topics

RESUMO

O presente trabalho de Conclusão de Curso, intitulado Desafios de Alfabetizar alunos com TEA, tendo em vista que a análise aconteceu na Escola Municipal de Ensino Fundamental Carmem Valente no Município de Jacareacanga-Pará, objetivando analisar os desafios que a escola enfrenta no processo de alfabetização de alunos com transtorno do espectro autista, visa elucidar os desafios docentes durante o processo de alfabetização, apresentando métodos que beneficiem esse alunado. Contribuindo nesse processo com atividades didáticas a fim de proporcionar uma aprendizagem satisfatória. A metodologia utilizada neste estudo foi uma pesquisa bibliográfica de cunho qualitativo, os sujeitos da pesquisa foram sete professoras da referida escola, com análise das leituras científicas dos materiais utilizados para embasamento teórico. Sugeriu-se como proposta de intervenção promover capacitação continuada, roda de conversas com trocas de experiências entre outras, a fim de melhorar o processo de ensino-aprendizagem do aluno TEA, Considerando que o professor tem o papel de alfabetizar os seus alunos e inseri-los dentro do contexto social amenizando a defasagem educacional.

Palavras-Chave: Alfabetização, Ensino-Aprendizagem, TEA, Desafios docentes.

ABSTRACT

The present work of Course Conclusion, entitled Challenges of Literacy Students with ASD, considering that the analysis took place at the Municipal School of Elementary Education Carmem Valente in the Municipality of Jacareacanga -Pará, aiming to analyze the challenges that the school faces in the literacy process of students with autism spectrum disorder, Aims to elucidate the teaching challenges during the literacy process, presenting methods that benefit these students. Contributing in this process with didactic activities in order to provide a satisfactory learning. The methodology used in this study was a qualitative bibliographic research, the research subjects were seven teachers from that school, with analysis of the scientific readings of the materials used for theoretical basis. It was suggested as an intervention proposal to promote continuous training, conversation circles with exchange of experiences, among others, in order to improve the teaching-learning process of the TEA student, considering that the teacher has the role of teaching his students to read and write them within the social context, mitigating the educational gap.

Keywords: Literacy, Teaching-Learning, ASD, Teacher Challenges.

LISTA DE SIGLAS

ABA: Análise Comportamental Aplicada

CID 10: Código Internacional de Doenças

CIPTEA: Carteira de Identificação da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista

DSM-5: Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais

ECA: Estatuto da Criança e do Adolescente

EMEF: Escola Municipal de Ensino Fundamental

NAC: Núcleo de Artes e Ciências

NCAEP: National Clearinghouse on Autism Evidence and Practice

NE: Neurônio Espelho

PCD: Pessoa com Deficiência

PEP-R: Perfil Psicoeducacional Revisado

SRM: Sala de Recurso Multifuncional

TEA: Transtorno do Espectro Autista

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1:	Identificação profissional.....	48
QUADRO 2:	Na sua concepção o que é autismo?	49
QUADRO 3:	Quais as características de um aluno autista?	51
QUADRO 4:	Qual a sua experiência em trabalhar com alunos com transtorno do espectro Autista?.....	54
QUADRO 5:	Quais os principais desafios docentes enfrentados em alfabetizar alunos com TEA?.....	55
QUADRO 6:	Quais foram as práticas pedagógicas utilizada por você ao trabalhar no processo de alfabetização do aluno TEA?.....	57
QUADRO 7:	Qual a parcela de contribuição da escola com relação aos recursos pedagógicos utilizados para trabalhar uma aula acessível com alunos de inclusão?	59
QUADRO 8:	Na sua concepção como a escola deve acolher os pais de alunos com deficiência?.....	60

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1:	Você já trabalhou com alunos autistas?	53
-------------------	--	----

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
1 CONCEPÇÕES DO TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA	14
1.1 O QUE É AUTISMO.....	14
1.2 DIAGNOSTICO	18
1.3 TERAPIAS E INTERVENÇÕES.....	22
1.4 TRATAMENTO.....	25
1.5 ASPECTO LEGAIS DO DIREITO AO TEA.....	27
2 PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM DO ALUNO COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA	31
2.1 FUNCIONAMENTO CEREBRAL DO AUTISTA.....	31
2.2 UM OLHAR SOBRE AS NECESSIDADES EDUCACIONAIS DO TEA....	34
2.3 ESTRATÉGIAS DE ALFABETIZAÇÃO.....	38
2.4 FAMÍLIA E ESCOLA NO PROCESSO E APRENDIZAGEM DO ALUNO COM TEA.....	40
3 DESAFIOS EM ALFABETIZAR ALUNOS COM TRANSTORNO ESPECTRO AUTISTA: ANÁLISE NA ESCOLA MUNICIPAL DE ENSINO FUNDAMENTAL CARMEM VALENTE NO MUNICÍPIO DE JACAREACANGA-PARÁ.....	44
3.1 CARACTERIZAÇÃO DA ESCOLA.....	44
3.2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	47
3.3 PERFIS DO ENTREVISTADOS	48
3.4 ANÁLISE DA PESQUISA COM OS DOCENTES	49
3.5 PROPOSTA DE INTERVENÇÕES.....	61
CONCLUSÃO.....	63
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	65
APÊNDICES.....	68

INTRODUÇÃO

O presente trabalho intitulado Desafios de Alfabetizar alunos com TEA, tem como objetivo analisar os desafios que a escola enfrenta no processo de alfabetização de alunos com transtorno do espectro autista, identificando as dificuldades em alfabetizar os alunos com TEA, evidenciando o uso dos recursos tecnológicos, adaptação e adequações curriculares, atendimentos individualizados que contribuam no processo de alfabetização. Visto que o presente objeto de estudo será realizado através de análises com professores na Escola M.E.F. Carmem Valente no Município de Jacaréacanga-Pará em abril de 2022.

Justifica-se, portanto, a necessidade em analisar os desafios encontrados pelos docentes no processo de ensino aprendizagem do aluno com Transtorno do Espectro Autismo em sala de aula, em decorrência destes fatos sugere uma atenção diferenciada, tendo em vista que a escola possui um papel fundamental neste momento, pois a mesma precisa ter profissionais capacitados e especialistas para atuarem no atendimento educacional do aluno, quando não se tem este profissional solicita-se da Secretária Municipal de Educação, o qual trabalharão em sintonia com o processo de ensino-aprendizagem do aluno, buscando analisar primeiramente a rotina diária, as questões acerca se o aluno é ou não alfabetizado e quais as suas limitações e especificidades.

O estudo buscou responder as seguintes questões norteadoras: Quais os principais desafios docentes enfrentados em sala de aula no processo de inclusão de alunos atípicos com TEA? Quais as práticas pedagógicas utilizadas para promover a alfabetização dos alunos com TEA? De que forma a escola deve acolher e orientar as famílias dos alunos com TEA em seu processo de inclusão?

Para entender e esclarecer o Transtorno do Espectro Autista, optou-se por uma pesquisa bibliográfica, com abordagem qualitativa apresentando características específicas sobre o autismo, na qual os procedimentos metodológicos utilizados na pesquisa foi a entrevista por meio de questionários respondidos por sete professoras da referida escola investigada. Vários autores como (GADIA, 2012), (KUCZYNSKI 2015), (BRITES, 2019), (REVELES, 2012), (Santos, 2008) e entre outros que discorrem sobre diferentes teorias que surgiram para esclarecer o conceito TEA.

Diante deste contexto para que se alcança-se resultados satisfatórios no processo de ensino e aprendizagem do aluno TEA, requerem-se aprofundados estudos e reflexões, concepções, metodologias e ações pedagógicas. Além disso, é preciso também que haja uma grande interação e colaboração entre educando, corpo pedagógico e a família.

A estrutura da monografia foi definida em três capítulos, sendo que o primeiro capítulo aborda as concepções do Transtorno do Espectro Autista enfatizando o que é o Autismo, Diagnostico, Terapias e Intervenções, Tratamento, Aspectos Legais do Direito ao TEA.

O segundo capítulo discorre sobre Processo de Ensino e Aprendizagem do Aluno com Transtorno do Espectro Autista, funcionamento cerebral, o olhar acerca das suas necessidades educacionais, estratégias de alfabetização e família e escola no processo de ensino e aprendizagem,

E por fim o terceiro capítulo nos faz viajar através dos desafios de alfabetizar alunos com TEA abordando a caracterização da Escola, os procedimentos Metodológicos, perfis dos entrevistados, análise da Pesquisa e propostas de Intervenções.

1 CONCEPÇÕES DO TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA

1.1 O QUE É AUTISMO

O transtorno do espectro autista é um transtorno do desenvolvimento neurológico pervasivo e permanente, na qual não existe cura e acarreta várias barreiras para a vida do sujeito atípico, o TEA está relacionado a tríade que corresponde as dificuldades de comunicação, interação social e comportamental.

Para Kuczynski (2015), o autismo é um transtorno complexo do desenvolvimento que envolve atrasos e comprometimentos nas áreas de interação social e linguagem, incluindo uma ampla gama de sintomas emocionais, cognitivos, motores e sensoriais.

Dessa forma, o autor argumenta que o autismo pode ser encontrado com a ausência ou atraso do desenvolvimento da linguagem oral, falta de reciprocidade e a dificuldade na socialização, são vários fatores perceptível no autista, porem a uma necessidade de estabelecer uma rotina e buscar melhores condições para o seu desenvolvimento para que futuramente não haja desistência nos aspectos pessoais, educacionais e profissionais do indivíduo com TEA.

Diversos fatores podem aparecer de forma mais leve ou mais severa no comportamento, é possível notar que cada pessoa com autismo reage de forma diferente e que cada um tem sua particularidade.

Essa expressão AUTISMO foi utilizada pela primeira vez por EUGEN BLEUER em 191, para designar a perda de contato com a realidade ou impossibilidade de comunicação, comportamento esse que foi, por ele observado em paciente diagnostico com quadro esquizofrênico. (KUCZYNSKI, 2015, p.3)

De acordo com o autor o autismo é um transtorno bastante intrigante, e passou a ser compreendido pelo pesquisador Eugene Bleuer como um distúrbio da consciência em que haveria um certo desligamento parcial ou absoluto do sujeito, em relação ao seu mundo interior e a realidade, com este pensamento, enfatiza-se uma tendência na qual as pessoas com esquizofrenias em um contexto passado possuíam

em se tornar alheios ou indiferente ao seu mundo exterior, ao seu mundo social e fechar-se ao seu próprio mundo.

Entretanto nos tempos passados o indivíduo acometido pela esquizofrenia apresentava dificuldade na interação social e tendência ao isolamento, eram sinais semelhantes às do autismo, pois o mesmo não conseguia diferenciar as características uma da outra, mas obteve algumas mudanças décadas depois.

O autismo passou a ser observado com mais precisão a partir da década de 1930, precisamente na década 1940 pelo psiquiatra austríaco LEO KANNER que foi o primeiro a publicar em seu artigo, que descrevia crianças com o mesmo padrão de comportamento que Euger Bleuer havia observado anteriormente naqueles indivíduos com esquizofrenia.

O transtorno do espectro autista começou a ser estudado e analisado com mais cautela na década de 1930 por diversos estudiosos, enfatizando Leo Kanner como o cientista pioneiro em 1943, quando iniciou seus estudos e analisou onze crianças, cujo distúrbio era “a incapacidade de se relacionarem de maneira normal com pessoas e situações, desde o princípio de suas vidas” e escreveu o primeiro artigo sobre o transtorno.

Para Kuczynski (1943), os relatos de Kanner nessa época, foram crucial ao transtorno do espectro do autismo, uma vez que esses indivíduos era rotulados como distúrbio mental, comparado assim como esquizofrenia. O autor menciona que, em 1943 o mesmo, fez uma pesquisa com 11 crianças entre 2 e 11 anos de idade, sendo 8 meninos e 3 meninas com esse estudo deu originalidade ao seu artigo, que em português tem o significado Distúrbio Autístico do Contato Afetivo.

Em sua pesquisa o cientista descreveu que aquelas crianças analisadas por ele, possuía uma condição neurológica que se daria aparentemente por conta da incapacidade que elas apresentavam no estabelecimento do vínculo afetivo próximo com outras pessoas, e também elas apresentavam uma certas dificuldades em suportar modificações do seu cotidiano, então as principais características de todas aquelas crianças eram a falta de habilidade para se relacionar com as demais pessoas emocionalmente, e a presença de dificuldade na linguagem, uma insistência na preservação da mesmice, aquela busca pela preservação da rotina, esses eram alguns dos sintomas que se iniciavam muito cedo, logo nos primeiros anos de vida da criança.

Conota-se que pais e mães de crianças autistas são rotulados por não saberem lidar com seus filhos e o que ocorre no mundo autístico, a falta de conhecimento sobre o assunto é um dos principais pontos a serem discutido, é evidente que existiram muitas dúvidas, principalmente sobre os deveres e direitos que os mesmos possuem.

Inicialmente, ele formulou a teoria que estes sintomas seriam inatos aquelas crianças. Esse mesmo cientista criou o conceito da “MAE GELADEIRA” ao descrever o comportamento observado, por ele, nas mães de crianças com autismo, pois referiu que elas apresentavam contato afetivo frio mecanizado e obsessivo, apesar do alto grau de desenvolvimento intelectual. (SILVA, 2012, p.1).

Percebe-se na fala mencionada pelo autor que no ano de 1943, aquele momento os conceitos de esquizofrenia e autismo se confundiam bastante, pois tinham sintomas muito parecidos. Diante desse fato, Kanner apresentou novos casos semelhantes aos de anteriormente observados por ele, o mesmo publicou um novo artigo exemplificando entre autismo e esquizofrenia, no entanto ele ainda os manteve os dois dentro do quadro de psicose infantil.

O autor aborda que Leo Kanner ao longo do seu artigo, discorre que as possíveis origens do autismo seria uma capacidade inata de estabelecer contato afetivo, o cientista relata que os problemas das crianças teriam alguma relação com a personalidade dos pais, uma vez que havia estabelecida relação entre eles, o mesmo chegou a cunhar o termo “Mãe Geladeira”, para se referir às mães de crianças com autismo pois as mesmas teriam essas características, esses sintomas pelas mães serem muito frias, e interagir muito pouco com a criança, esse é um conceito tão absurdo, mais tão sensacionalista que por incrível que pareça, ele é dito até hoje por uma série de profissionais desinformados.

Além disso, ele acreditava que esses pais não davam atenção suficiente e tinham pouco contato com essas crianças, um termo bastante usado na época, o mesmo se retrata pela sua teoria inadequada. Portanto as dificuldades que os pais tinham com seus filhos, devido à prematuridade de informações, fez com que o cientista se aprofundasse ainda mais para uma melhor prática clínica, pois os mesmos não sabiam lidar com o comportamento dessas crianças devido à falta de informação.

Anos seguintes o cientista Leo Kanner veio ao público se desculpar pelo o absurdo que ele tinha dito e dizer que essas mães eram assim, porque os filhos realmente não respondiam, não se aproximavam delas, então elas não tinham como

também ser muito diferentes, e também veio dizer que as vezes os pais apresentavam as mesmas características dos filhos, com isso ele passou a pensar no desenvolvimento genético dessa doença, de acordo com as novas pesquisas, passou a construir uma nova percepção sobre o autismo, provavelmente por causa da sua ecolalia, a falta de comunicação verbal e socialização com o próximo.

Posteriormente HANS ASPERGER(1943), escreveu um segundo artigo sobre o transtorno do espectro do autismo, no qual era intitulado como “PSICOPATIA AUTISTICA NA INFANCIA”, nele foi descrito quatro crianças que apresentavam como o principal sintoma o transtorno no relacionamento com o espaço e com o outro. Asperger descreveu em seu artigo as características analisadas como a pouca expressão gestual, movimentações estereotipadas e movimentos repetitivos. (BARBOSA, 2020, p.191)

De acordo com o autor, HANS ASPERGER relata que as crianças com transtorno do espectro autista possui várias limitações e especificidades, e com o passar dos anos os estudos desenvolvidos pelos os cientistas ficaram duvidosos, pois o mesmo passava por diversas modificações, mais, certamente foi de uma grande importância, pois só assim passou a ter esperança de um diagnóstico preciso, no entanto para essas crianças, décadas depois a neurociência foi se aperfeiçoando com uma precisão específica.

O autismo estava relatado como um desvio de relacionamento com o outro, a inflexibilidade comportamental e o apego rígido por rotinas podem trazer prejuízos significativos e socialmente relevantes para essas pessoas, prejudicando-as e reduzindo suas oportunidades de convívio social, e muito importante que pais e familiares, bem como a pessoa do espectro, tenham acesso a esta informação, para que tenham mais argumentos para lutar por seus direitos, pois os mesmos tem dificuldade de coordenação motora, a baixa capacidade de fazer amizade e falta de empatia.

Em 1943 e 1944 as crianças estudadas por Kanner e Asperger que estavam em lugares distintos, tinham características semelhantes, mas, alguns pontos diferentes que ali foram relatados nos estudos dos mesmos, é importante ressaltar essas diferenças, porque naquela época os sintomas que aquelas crianças apresentavam era visto de maneiras diferentes por cada cientista.

Ambos tiveram sua colaboração, muito importante nessa descoberta do autismo, mais cada um com sua teoria e sua particularidade, com todas essas

histórias aparecem outros nomes que as marcaram e que tiveram bastante contribuição para um melhor diagnóstico sobre o autismo.

Até o momento não há nenhuma cura comprovada, mas, ao longo das últimas décadas, pesquisas bem documentadas têm mostrado que as crianças com autismo respondem muito bem a intervenções precoce e intensiva (antes dos cinco anos), às estratégias de manejo dos comportamentos e ações educacionais e de saúde integradas. (GADIA, 2013, p.10)

Conforme alguns estudos, o autor descreve que várias foram as mudanças decorrentes ao autismo, mais, naquela década era perceptível que não existia cura e sim tratamentos medicamentosos. Porém, mediante aos estudos e pesquisas comprovadas, que o autismo não é uma doença contagiosa e sim um transtorno do desenvolvimento neurológico que com auxílio de profissionais capacitados facilitam o seu convívio no meio social independente da sua faixa etária.

1.2 DIAGNOSTICO

O diagnóstico é o conjunto de revisão das disfunções e de alterações de um indivíduo, ela é uma palavra da área da medicina que dar um significado da qualificação de um médico em relação a uma doença seja qual for a condição, física ou mental, que o mesmo é feito através de exames, de observações ou relatos do que o sujeito estar sentindo, para um melhor tratamento da doença, seja qual ela for.

O primeiro componente é o processo diagnóstico, que inclui todas aquelas atividades exercidas pelos profissionais de saúde com o objetivo de compreender, de forma abrangente e detalhada, a natureza das dificuldades de um sujeito singular. O resultado final desse processo é a construção de uma narrativa aberta a respeito desse sujeito, procurando relacionar seu passado e seus problemas atuais com as possíveis causas subjacentes, sejam estas internas-biológicas- ou relacionadas ao seu contexto de vida-ecológica ou social. (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2013, p.30)

Conta-se que para se ter um bom resultado, precisa-se de uma investigação da eventual doença, para que isso aconteça o sujeito precisa estar relatando com uma devida precisão, tudo o que estar lhe passando, somente assim esses profissionais da saúde poderão fazer uma análise mais precisa do sujeito, dessa forma os resultados da análise ajudará no tratamento deste transtorno.

Conforme já foi supracitado acima, para que se tenha um resultado de uma doença, faz-se necessário uma investigação, para obtenção de um conhecimento

básico, esses conhecimentos nos dará um direcionamento para entender o que é o autismo, seus tratamentos, suas intervenções entre outros.

Quando se fala em autismo, relata-se um assunto que hoje estar totalmente imerso, não só em duvidas, como em pesquisa também, a busca da cura é incessante, principalmente como identificar, como fazer esse diagnóstico e de como fazer essa abordagem inicial tanto na escola, em casa com a família, no consultório médico.

Sendo assim o autismo pode interferir tanto na vida interna ou externa, ou seja, tanto com a família ou fora dela, por esse motivo as pessoas devem estar atentas à todos os sintomas que aparentemente possa ser autismo, porque quanto mais cedo o diagnóstico, melhor será o tratamento desse sujeito, e o mesmo poderá ter uma vida social futuramente.

A formação de uma criança no ventre da mãe depende de inúmeros fatores, que vão desde a fecundação bem-sucedida, a implantação do zigoto (ou ovulo fertilizado) na parede do útero, o desenvolvimento do feto, até que este apresente as características de um bebê completo e pronto pra nascer. Pequenas alterações nessas fases podem levar a consequências futuras no desenvolvimento da criança como o autismo, má-formações e problemas genéticos (GAIATO, 2012, p.67)

O autor menciona que vários são os fatores que corrobora para a formação genética do indivíduo, ou seja para diagnosticar o autismo existem outras hipóteses como: as causas ambientais que podem ser intrauterina ou fora do útero, que na verdade também afeta e que ocasiona uma vulnerabilidade maior dessas pessoas ter autismo, os fatores, o parto prematuro, sangramento na gravidez, diabetes gestacional, gravidez múltiplas, idade materna e paterna a cima dos quarenta anos, e com todas essas situações o índice de autismo tem aumentado muito, percebe-se que pais com essa faixa etária tem mais probabilidade de ter filhos com autismo. Observa-se que várias são as probabilidades para se adquirir o autismo, uma delas é a causa genética.

Dessa forma, todos esses acontecimentos, podem interferir na vida de um sujeito desde o seu nascimento até sua vida adulta. Devido a todos esses imprevistos os pais tendem a estar atentos a tudo que a criança apresenta em seu comportamento, mesmo ainda sendo um bebê. Enquanto não existe cura para o autismo, é muito importante que os pais possam saber lidar com as especificidades do seu filho, tendo em vista que os mesmos precisam buscar informações acerca deste transtorno.

Quando se fala no transtorno do espectro autista, é notório a investigação, podendo estar atento aos possíveis diagnóstico, sinais e características, sintomas, perfil comportamental, o cognitivo, e também identificar sua interação social meio a escola ou na sociedade.

O diagnóstico do autismo tem um histórico bem extenso, mais durante toda a sua descoberta, os pesquisadores por um período, tiveram muitas dificuldades para chegar a um diagnóstico preciso, tendo em vistas as características deste indivíduo a qual é moldável.

Somente o processo diagnostico é capaz de identificar a função e o significado subjetivos das queixas e sintomas manifestados por cada pessoa. Na classificação, o que importa é a identificação dos elementos que são compartilhados pelas diversas pessoas que manifestam problemas ou transtorno mentais semelhantes. (BRASÍL, 2013. p. 31)

O autor menciona que somente através de um diagnóstico preciso se pode classificar a pessoa com autismo, mas, para que isso aconteça se faz necessário uma investigação minuciosa em parceria com escola e família, para que o tratamento tenha sucesso, a fim de que isso aconteça, o sistema de saúde precisa estar com disponibilidade para esses indivíduos obtendo uma ótima estrutura para atendê-los.

O tratamento para cada tipo de deficiência é um tratamento totalmente diferenciado, uma vez que cada indivíduo possui suas especificidades, já os especialistas estão totalmente capacitados a atender esse público, porém quando esses profissionais vêm de outro Município, pois os que atendem nas cidades vizinhas não são o suficiente para suprir a necessidade da demanda.

O diagnóstico do Transtorno do Espectro Autista no DSM-5 para chegar até essa fase, periodicamente passou por várias modificações, para que o TEA estivesse inserido neste manual diagnóstico estatístico de saúde mental, pois era muito evasivo e não se tinha conhecimento dos transtornos e do que estava acontecendo na época.

Brites (2019) menciona que, o DSM é um manual utilizado no mundo todo como base para auxiliar no processo de diagnóstico de transtornos mentais e desvios de comportamento e desenvolvimento, tanto em crianças como em adultos. Portanto pode se dizer que o Diagnóstico da Saúde Mental vem passando por modificações e avaliações, para que os profissionais da área possam estar dando melhor suporte, mesmo que seja de uma forma mais branda ao consultá-lo esse manual se tornou para muitos profissionais um ponto de direcionamento e de apoio, para que possam

estar auxiliando uma pessoa com transtorno a se enquadrar dentro do Diagnóstico e a terem seus direitos restabelecidos, eventualmente a família tem que estar na mesma interação com esses profissionais.

Dessa forma o diagnóstico na primeira infância, ou seja, logo nos primeiros anos de vida, são fundamentais para um melhor prognóstico, e para o processo de desenvolvimento e autonomia da criança.

Há vários motivos para isso. Primeiro, porque não se pode perder tempo, e quanto mais cedo, melhor. Com o diagnóstico definido, vamos intensificar os tratamentos, direcionando-os para inicialmente reduzir os sintomas de autismo. Depois, para avaliar nessas crianças, são necessários recursos e parâmetros diferentes, com o olhar um pouco mais preocupado com os outros tipos de detalhes; e, sem o diagnóstico, o que estaremos avaliando ou verificando na evolução da criança? Por exemplo, consideremos duas crianças, uma com atraso de fala puro, sem autismo, e outra com atraso de fala e autismo; a forma de ver a evolução das duas e o jeito de tratá-las são totalmente diferentes e requerem uma postura diversa da(o) fonoaudióloga(o). (BRITES, 2019, p.46)

Segundo o autor, o quanto mais cedo o diagnóstico for fechado, mais rápido será o tratamento para essa criança, o que normalmente acontece é que os familiares só começam a se preocupar com a criança quando as suas características e os possíveis sintomas estão incomodando e acarretando atraso na fala, isso ocorre em torno dos três anos de vida, desse modo, a mãe tem que estar atenta à pequenos acontecimentos e detalhes com o seu bebê, para que não sejam pego subitamente, dessa forma quando se fala em TEA, têm que estarem atentos aos sintomas para que possam ser feitas algumas intervenções, com a ajuda de uma série de profissionais.

De um lado há controversas sobre essas crianças, logo elas não terão os mesmos sintomas umas das outras, porém com o Cid -10, ou seja, o Código Internacional de Saúde eles terão uma classificação identificando o tipo de transtorno do Espectro Autismo, e quando avaliado por esta equipe de profissionais, eventualmente esses profissionais saberão diferenciar cada criança e submeter ao atendimento e as devidas intervenções.

A idade no início do tratamento é um dos fatores determinantes para a sua melhor evolução, não só a idade mais também o tipo de tratamento e a frequência dos atendimentos da criança e aos pais. É notório que estas intervenções sejam satisfatórias na evolução e no desenvolvimento da criança no meio social e no

ambiente escolar, pois através desses tratamentos essas crianças poderão ter sua independência na vida adulta.

1.3 TERAPIAS E INTERVENÇÕES

A intervenção no Transtorno do espectro autista estar composta a uma série de terapias e acompanhamentos, o mesmo será submetido a tratamentos que são essências para o desenvolvimento de quem estar com TEA.

O tratamento do autismo é multidisciplinar, ou seja, de diversas formas de intervenção e de ação de vários profissionais. A linha mestra do tratamento deve ser trabalho focado no comportamento e na correção de atrasos no desenvolvimento e deve envolver práticas tanto em espaços de consultório com profissionais especializados quanto no ambiente familiar. Essas práticas devem ser consideradas eficazes, modificando e melhorando com certa rapidez transtorno, e ser de fácil aplicação, para que os pais e cuidadores reproduzam suas formas de ação em casa e nos mais divertidos lugares que os portadores de autismo visitam ou frequentam. (BRITES, 2019, p.109)

O autor menciona que o tratamento é um fator primordial para que uma criança se desenvolva melhor, já que é comprovado cientificamente que nesses tratamentos as terapias comportamentais é o principal ponto de entrada para que a criança possa estar se comportando adequadamente em lugares diferentes.

No entanto, vale ressaltar que os sinais indicativos de autismo podem ser perceptíveis ou não, vai depender do entendimento social acerca de quem está observando. A visão errônea dos pais, familiares e médicos, quando não conhece ou entendem este comportamento pode acarretar uma série de dificuldades para essas crianças, portanto o diagnóstico na primeira infância é o início das intervenções sendo fundamental para um melhor desenvolvimento e independência da criança em seu convívio social.

De acordo com várias abordagens acerca deste termo, ressalta-se o avanço sobre os conceitos de deficiência, embora antigamente se usava o termo portador de necessidades especiais, sendo assim, com as novas nomenclaturas o termo portador caiu em desuso, dando ênfase para que possam ser chamados de (PCD) ou seja, Pessoas Com Deficiência.

Contudo, há mais de cem anos, nada se sabia sobre o autismo. Naquela época, os problemas de comportamento humano ainda causavam espanto e estranheza, e eram encarados como anomalias pela sociedade, e seus portadores eram colocados de lado ou isolados das demais pessoas. Pense no seu filho com autismo hoje e imagine como seria se ele tivesse nascido no

início do século passado: provavelmente, teria sido colocado em uma instituição, retirado do convívio com as pessoas ou até mesmo escondida dentro de casa. Nada se sabia sobre como corrigir esses atrasos, lidar com a agressividade e tampouco direcionar com segurança um modo de condução de autistas. (BRITES, 2019, p.27).

Conforme o autor enfatiza, décadas passada os autistas eram visto como aberração ou coisas bizarras, pois não se tinha conhecimento e nem tratamento adequado para essas crianças, elas eram tratadas diferentemente das demais e isoladas do convívio social, existiam algo nelas inexplicável, com certeza ainda não se tinham estudos para comprovar um diagnóstico preciso, naquele período, a falta de informação era a pior deficiência, por isso os mesmo eram tratados dessa maneira.

Nesse viés as terapias e intervenções inclui coeficientes importantíssimo nesse processo, esses tratamentos inclui vários fatores muito importante: como família escola e médico. Logo que a criança é diagnosticada a família tem que estar sendo notificada pelo médico, e orientadas a seguirem os procedimentos, antes de tudo esses pais tem que aceitar que seu filho tem autismo, dessa forma eles poderão ajudar seu filho neste processo de desenvolvimento e aceitação e assim entender o mundo azul.

Em vista disso, existi vários tipos de intervenções e programas, é evidente que todos têm uma especificidade, atualmente o ABA é a técnica mais usada nos dias atuais, o mesmo passou por muitas pesquisas para chegar até seu ponto principal.

O ABA é o modelo científico de intervenção comportamental considerado o mais eficaz para a redução de sintomas autísticos e de seus comportamentos inadequados e pouco adaptados no ambiente. Baseado nos princípios de skinner, alicerça suas ações em uma análise detalhada dos comportamentos iniciais da criança, em um conjunto com fatores do ambiente e de seus cuidadores, que favorecem ou prejudicam o modo dela agir. (BRITES, 2019. p.110)

Outrora o autor citado acima fala que o ABA é uma espécie de intervenção, que tem o rigor da ciência, corroborado em tratamento comportamental, e que usado de maneira correta, reduz os sintomas de autismo e comportamentos inapropriados da criança TEA, possibilitando o tratamento no ambiente em que o autista estar inserido.

Essas terapias que o ABA utiliza, são baseadas em metodologia comportamental, e que já foi pesquisado e comprovado com eficácia no tratamento do autismo, portanto pode se dizer que esse método a ser usado precisa de uma programação, na qual este programa seja feito no modelo naturalista, que significa

trabalhar com a criança no meio onde ela estar inserido ou na realidade que ela vive que são as brincadeiras no seio familiar e das atividades de vida diária e dentro da escola. Essas brincadeiras servem de motivação, estímulo e incentivo, mais o foco principal do ABA é fazer uma análise funcional do comportamento da criança, e que vão gerar uma resposta positiva e benéfica ao cérebro e sobretudo uma sensação prazerosa.

Diante desses fatores, para que o ABA seja utilizado com exatidão, precisa-se de uma equipe de profissionais especializado, ou seja, equipes multidisciplinares, e que tenham conhecimento básico sobre esse modelo de terapia comportamental, e como ele estar sendo essencial para o tratamento de uma criança com TEA nos dias atuais. Esses profissionais podem também se beneficiar de um treinamento ABA e se tornar um aplicador da terapia.

Embora não exista cura para o autismo, mas tem profissionais que ajudam e facilitam tratamento dessas crianças e diminuem os problemas apresentados, tanto para as crianças quanto para a família. Os profissionais são os psicólogos, psiquiatras, fonoaudiólogos, psicopedagogos. (BENSI, 2015, p.36)

Conota-se que não existe cura para o TEA, e que já estar comprovado que somente tratamentos específicos irão diminuir os sintomas, para que esse tratamento seja executado com exatidão, precisa-se de um agrupamento de profissionais que tenham conhecimento da área, sendo assim, esses profissionais possam estar ajudando a criança com transtorno e ao mesmo tempo auxiliando a família.

Esses profissionais quando se reúnem em uma só intensão, que é o tratamento de uma criança com transtorno, eles são chamados de grupo multidisciplinares, os mesmos exercem funções diferentes, pois cada trabalha dentro da sua área de conhecimento e suas especificidades sobre o tratamento, mas todos contribui para o melhor desenvolvimento da criança com TEA.

Desse modo essa equipe é fundamental para o tratamento do TEA e os mesmo estão interligados e com um único objetivo comum, mais que requer bastante cuidado, somente assim o tratamento da criança com transtorno irá possibilitar um desempenho adequado no meio social e a família também estará em constante aprendizado.

1.4 TRATAMENTO

O tratamento da pessoa com TEA não trará cura, mas é capaz de amenizar os sintomas estereotipados e melhorar o comportamento, a comunicação e a interação social melhorando a qualidade de vida da pessoa com transtorno, e dos seus familiares.

O tratamento baseia-se no desenvolvimento de comportamentos funcionais e redução dos comportamentos inadequados. Para isso, utilizamos técnicas e métodos fundamentais em princípios comportamentais. Estudos mostram que, quando usamos nosso cérebro com novos estímulos e exercícios, ele se “reprograma”, criando novos caminhos entre neurônios. Quanto mais aprendemos, mais caminhos neurais são formados. Esse é o princípio do tratamento psicoterápico: estimular a criança com técnicas de modificação do comportamento para que o cérebro se reorganize para novos aprendizados, novas memorização e novas adaptações, tornando essas mudanças definitivas. (GAIATO, 2012, p.77)

Conforme o autor, o diagnóstico precoce do TEA, certamente estará facilitando o tratamento, e que poderá ser feito de maneira adequada pelos profissionais, provavelmente irá reduzir os sintomas e também ajudar no desenvolvimento da criança com transtorno, para que isso aconteça terão que recorrer a várias técnicas e metodologias de tratamentos. Portanto, quando o cérebro receba inspiração no seu interior, automaticamente ele se arquiteta, e desenvolve outros trilhos de comunicação.

O tratamento ajuda o cérebro se reestruturar, por isso é importante observar a criança desde bebê, examinar alguns sinais e sintomas que pode ser percebido em criança com menos de 1 ano de idade, com isso o tratamento tornara eficaz e maior será a neuroplasticidade dessa criança.

Outro exemplo de neuroplasticidade pode ser visto em músicos, comparando a área do cérebro correspondente às mãos de músicos e não músicos. A área correspondente às mãos elas executam os movimentos que produzem os sons. Observamos que essa área cerebral é muito desenvolvida nos músicos se comparados aos não músicos, sobretudo em músicos que aprenderam a arte na infância, que por sua vez possuem uma área do cérebro ainda mais desenvolvida do que aqueles que aprenderam a tocar mais velhos. (SILVA, 2012, p. 78)

Segundo o autor a neuroplasticidade é mais desenvolvida nos músicos do que nas pessoas não músicas, pois a atividade do cérebro trabalhada é mais apurada,

devido ter sido exercitado desde criança, pois esses músicos tem probabilidade de tocar com mais facilidade enquanto criança do que adulto.

Esse conceito de neuroplasticidade é a capacidade do cérebro fazer novos caminhos neuronais, ou seja, novas redes de conexão entre os neurônios e a capacidade de aprender e de remodelar a plasticidade que esse cérebro tem, é notório o tratamento, pois quanto mais cedo melhor. Quando o cérebro é trabalhado na infância ele terá a possibilidade de ter um desenvolvimento futuro melhor, por isso que quando uma criança é diagnosticada com TEA, o cérebro deve ser exercitado o quanto antes, para que essa criança possa ter a área cerebral reorganizada e se aceitar sua própria identidade, para que na vida futura quando estiver sendo rotulada ela possa lidar com esta situação e não se esquivar de seus deveres e direitos.

Sendo sintético, a questão balizar é essa: não me parece ético submeter pessoas com transtorno do espectro autista a práticas sem nenhuma demonstração de efetividade. Centenas de estudos realizados em todo mundo e as amplas revisões científicas do NAC e NCAEP realizaram o belíssimo trabalho de separar o joio do trigo e indicar quais práticas possuem evidência e podem realmente ajudar as pessoas com autismo a terem melhor qualidade de vida. Nossa tarefa é estudar exaustivamente e dar o melhor de nós, a fim de garantir que a presença de uma deficiência não seja desculpa para privar os autistas de seus direitos humanos. (LACERDA, 2020 p.55)

Segundo o autor existem pequenas argumentações sobre delimitar ou restringir uma pessoa com transtorno, no entanto não é dessa forma que devemos tratá-los, pois diante disso existem alguns estudos cientificamente comprovados, e programas que mostram de qual forma devem ser tratadas e cuidadas essas crianças com TEA, é evidente que esses programas ajudam profissionais da área, a executar métodos diferenciados, mas também a trabalhar a conscientização e as barreiras atitudinais enfrentados pela sociedade, através de auto estima e amor próprio na qual o indivíduo possa se aceitar da maneira que ele é, para que não haja discriminação.

Desse modo o indivíduo está em constante aprendizado, e devem sempre estar se capacitando cada vez mais, só assim terão possibilidades de executar um excelente trabalho com uma criança autista, conhecendo seu mundo desde que ele deixe você fazer parte dele, dessa maneira a pessoa com TEA não terá mais portas fechadas e sim, terá apoio e aceitação diante da sociedade, uma vez que eles são amparados diante das Leis vigentes.

1.5 ASPECTO LEGAIS DO DIREITO AO TEA

A pessoa com TEA possui seus direitos garantindo por leis, na qual é evidente que eles possuam uma vida respeitável, detenham de sua dignidade física e moral preservada, a compreensão cultural, ao livre desenvolvimento da originalidade, para que não sejam afastados de acessos a serviços de saúde e averiguações que auxiliem e que favoreçam seu tratamento, acesso à educação e ao ensino trabalhista, a moradia, a previdência social e a assistência social.

As pessoas com autismo têm os mesmos direitos que quaisquer pessoa, como previsto na constituição federal de 1988 e nas leis específicas para as pessoas com deficiência. Durante a infância, elas têm ainda direitos previstos no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) e, após 60 anos, têm os direitos do Estatuto do Idoso. Com tantos direitos garantidos, em tese, as pessoas com autismo não deveriam encontrar nenhuma dificuldade para receber um diagnóstico correto e um tratamento efetivo, ambos pautados em pesquisas científicas, para experimentar a inclusão social e escolar ou ter acesso ao mercado de trabalho. (REVELES, 2012, p.86)

No entanto o autor menciona que, as pessoas com deficiência têm direitos como qualquer outro, desde a sua infância até a vida adulta, mais que isso não fique somente no papel, pois só acontece devido à falta de informações, principalmente de pessoas que não procura seus direitos. As leis são feitas para garantir os direitos de todos, porém não é isso que acontece, as dificuldades são grandes quando se procuram os meios de saúde para uma pessoa com transtorno, pois a falta de tratamento dificulta este acesso, e impossibilita, no entanto, a inclusão dos mesmos no meio social e no mercado de trabalho futuro, uma vez que a falta deste acesso não corrobora em seus tratamentos.

As famílias ficam tristes e indignadas com o desinteresse do governo com as pessoas com deficiência, pois no papel é tudo perfeito, mas na realidade as dificuldades são muitas e constantes. No entanto, não basta somente ter direito de ir e vim, se faz necessário medidas cabíveis de igualdade na medida de suas diferenças, além do mais, trata-se de indivíduos que possuem problemas neurológicos que torna os seus dias comuns aos normais, difíceis em pessoas acometidas com o TEA, mais que podem ser mudados, fazendo-se cumprir as leis que os amparam não somente no meio à saúde, a educação, mais também a inclusão social.

O direito a matrícula de alunos com necessidades educacionais em escolas regulares no Brasil é garantido por lei desde a Constituição de 1988 a qual estabeleceu: o direito à escolarização de toda e qualquer pessoa, a igualdade

de condições para o acesso e para a permanência na escola e a garantia de “atendimento educacional especializado aos portadores de deficiência, preferencialmente na rede regular de ensino. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (9.394/96) de 1996 reafirmou a obrigatoriedade do atendimento educacional especializado e gratuito aos estudantes com necessidades especiais, preferencialmente na rede regular de ensino, e foi a partir daí que as práticas educacionais inclusivas ganharam força no país. (BRASIL, 1996, p.47)

Conforme o autor, todas as pessoas estão amparadas por lei e tem direito ao o ensino educacional, a constituição fala que é dever do estado, e da família e será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade assegurar a pessoa com deficiência, com a prioridade, de manter seus direitos assegurados, esses atendimentos especializados para com os deficientes é obrigatório por lei, somente assim essas práticas tornaram inclusiva e tornará continua para os demais.

Quando se trata de pessoas com deficiência, estaremos, todo tempo, lidando com os princípios constitucionais, trazendo os princípios para o ato de interpretação, procurando entender o sistema a partir da valorização que foi apresentada pelo constituinte. A questão das pessoas com deficiência é um dos propícios temas para demonstramos a função dos princípios das leis, com isso todas as pessoas com deficiência tornaram inclusivo nos demais locais.

A inclusão é uma política que busca perceber e atender as necessidades educativas especiais de todos os alunos, em salas de aula comuns, em um sistema regular de ensino, de forma a promover a aprendizagem e o desenvolvimento pessoal de todos. Na proposta da educação inclusiva, todos os alunos devem ter a possibilidade de integrar-se a um ensino regular, mesmo aqueles com deficiências ou transtornos de comportamento, de preferência sem defasagem de idade em relação a série. A escola, portanto, deveria adaptar-se as necessidades individuais desses alunos, nas formações dos professores e nas relações família–escola. (SILVA, 2012, p. 82)

Para Silva (2012), essas leis buscam amparar as famílias, com a inclusão de crianças com deficiência, seja ela comportamental ou de outro tipo, dentro do ambiente escolar, e que essas pessoas recebam o atendimento necessário sem opção de desigualdade, conforme a necessidade de cada um, e que o sistema possa estar disponibilizando profissionais que trabalhe de forma manuseadora e que consiga interagir com a criança e sempre estar incluindo a família sempre com o mesmo propósito que e o desenvolvimento educacional.

Mesmo assim, existem muitas barreiras e dificuldades a serem superadas por essas leis. É evidente grandes descasos de profissionais da educação que não

corroboram com estas causas e podem ser classificados como “professores não inclusivos” ou seja que não dão a mínima aos alunos com deficiências, estando eles de qualquer maneira dentro de uma sala de aula, na qual se faz de conta que é inclusiva.

Por este motivo é necessário que todos os professores possam estar se capacitando a cada dia e fazendo uma diagnose em suas salas de aulas, para conhecer seu público alvo e suas especificidades. De acordo com Brasil (2013), é importante ressaltar que as pessoas com TEA têm os mesmos direitos garantidos a todos os cidadãos do país pela Constituição Federal de 1988 e outras leis nacionais. Dessa forma, as crianças e adolescentes autistas possuem todos os direitos previstos no Estatuto da Criança e Adolescente (Lei 8.069/90), e os maiores de 60 anos estão protegidos pelo Estatuto do Idoso (Lei 10.741/2003).

Segundo Brasil (2020) A Lei Berenice Piana (12.764/12) criou a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista, que determina o direito dos autistas a um diagnóstico precoce, tratamento, terapias e medicamento pelo Sistema Único de Saúde; o acesso à educação e à proteção social; ao trabalho e a serviços que propiciem a igualdade de oportunidades. Esta lei também estipula que a pessoa com transtorno do espectro autista é considerada pessoa com deficiência, para todos os efeitos legais.

Isto é importante porque permitiu abrigar as pessoas com TEA nas leis específicas de pessoas com deficiência, como o Estatuto da Pessoa com Deficiência de acordo com a lei (13.146/15), bem como nas normas internacionais assinadas pelo Brasil, como a Convenção das Nações Unidas sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência.

Comunico a Vossa Excelência que, nos termos do § 1º do art. 66 da Constituição, decidi vetar parcialmente, por inconstitucionalidade e contrariedade ao interesse público, o Projeto de Lei nº 2.573, de 2019 (nº 10.119/18 na Câmara dos Deputados), que "Altera a Lei nº 12.764, de 27 de dezembro de 2012 (Lei Berenice Piana), e a Lei nº 9.265, de 12 de fevereiro de 1996, para instituir a Carteira de Identificação da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista (Ciptea), e dá outras providências".(BRASIL,2020,p.15)

De acordo com o autor foram obtidas grandes vitórias com relação aos autistas, pois o presidente Jair Bolsonaro sancionou com vetos a Lei 13.977, de 2020, que cria a Carteira de Identificação da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista (CIPTEA). A norma foi batizada de Lei Romeo Mion, que é filho do apresentador de televisão

Marcos Mion e tem transtorno do espectro autista. Com esta lei todas as pessoas terão seus direitos garantidos por leis e acessibilidades em qualquer lugar.

2 PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM DO ALUNO COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA

2.1 FUNCIONAMENTO CEREBRAL DO AUTISTA

O funcionamento cerebral da pessoa autista é um campo que atualmente vem sendo alvo de estudos e pesquisas por muitos anos, porém, devido a sua complexidade, ainda não é possível apontar de forma universal uma causa para o TEA. Entretanto, a corrente mais aceita atualmente é a da área neurológica, segundo a qual as mutações genéticas e os sintomas ocorrem por falhas na comunicação entre regiões do cérebro.

Para Boddaert, (2006, p.37) Entender as modificações que ocorrem no cérebro do indivíduo com TEA é importante para que se possam formular estratégias que auxiliem no desenvolvimento de habilidades sociais mais satisfatórias, no entanto existem diversos fatores que dificultam entender o funcionamento cerebral da pessoa autista, foram detectados que eles apresentam déficits em diversas áreas e não apenas em uma específica, por esse motivo não deve apontar só uma área cerebral que seja a causa e sim várias áreas cerebrais.

De acordo com Gaiato (2012) nos últimos anos, pesquisas têm apontado para algumas estruturas cerebrais que têm sofrido alterações no TEA. O que demonstra várias preocupações com diversos campos da pesquisa, buscando respostas que ressignificam abranger o funcionamento de cada área cerebral.

O sistema límbico: responsável pelas emoções; o corpo caloso: estrutura que conecta o lado direito com o esquerdo do cérebro; os gânglios da base: responsáveis pelo controle motor, cognição, emoção e aprendizado; o tálamo: área envolvida com a regulação do estado de consciência, alerta, controle das emoções e atenção; o cerebelo: encarregado do comando do tônus muscular, da manutenção do equilíbrio, movimentos voluntários e de toda aprendizagem que envolve movimentos, como andar, correr e pular; a substância branca: responsável pela comunicação entre as partes do cérebro; a região frontotemporal: responsável pela interação social e pela linguagem. Uma região que também apresenta destaque nas pesquisas de neuroimagem e estudos sobre as bases do TEA é a amígdala, relativa à emoção e socialização (MOSQUERA, 2011, p.74).

Como enfatiza os autores, o funcionamento cerebral tem diversas funções, ele está diretamente relacionado a inteligência, linguagem, consciência, memória, movimento, comportamento, entre muitas outras ações. Ou seja, a capacidade de

andar, falar, sentir emoções, de fazer simples tarefas do dia ou complexas atividades, isso se deve à atuação conjunta de diversas regiões do cérebro.

Segundo Williams (2001), o estudo dos neurônios espelhos (NE) também têm ganhado espaço nas pesquisas para a compreensão do TEA. Uma falha no desenvolvimento do sistema desses neurônios poderia causar déficits na sua formação, contribuindo para a evolução do transtorno. Desta maneira vários pesquisadores tem associado esses estudos a outros neurotransmissores para comprovar a eficácia do estudo no funcionamento dos neurônios espelhados. Sendo assim comprovou-se que de acordo com esses estudos o sujeito com TEA apresenta um decréscimo na ativação, o que faz com que eles percebam menos as atitudes das outras pessoas.

De acordo com alguns estudos citados a cima mostraram que a noradrenalina, dopamina e serotonina, neurotransmissores que são encarregados pela propagação de informações e aprendizados, estariam com seu funcionamento comprometido, fazendo com que o cérebro não funcione de forma congruente e diferenciando dos demais indivíduos. Outra variação observada está relacionada ao tamanho do cérebro, pois existiria uma propensão cerebral mais volumosa em indivíduos com TEA

Sendo assim, Reveles (2012) afirma que através da ressonância magnética funcional, os elementos apontam para uma dificuldade da ativação cerebral da área de identificação de leituras de face o que comprova a questão da interação social, o olhar dentro do olho do outro. Durante esta observação de distintas expressões faciais, essa área não fica tão ativa no cérebro do indivíduo com TEA, o que dificulta e incomoda reter a atenção direta da pessoa autista. Mediante a cada funcionamento cerebral relatado, em foco se encontra as funções executivas capazes de mediar conflitos internos e solucionar transtornos ocasionados a práticas de vivências diárias.

Entretanto as funções executivas são processos cognitivos complexos que são usados o tempo todo e através dessas funções, são traçadas estratégias, pensando em resoluções de problemas e planejamento, na qual fará uso de memória de trabalho e flexibilidade cerebral. Portanto, são funções usadas constantemente no dia a dia pelo indivíduo com TEA.

Para Silva (2012) Os déficits nessas funções estão relacionados ao lobo frontal que é responsável pela organização de informações, planejamento e execução de atividades. Ou seja, os indivíduos com TEA têm dificuldade, justamente, no planejamento de tarefas, no controle de suas ações, bem como em encontrar

estratégias diferentes para resolver problemas. Em vez disso, permanecem com os mesmos recursos utilizados ainda que eles não estejam funcionando, o que dificulta o seu processo de evolução.

O Transtorno do Espectro Autista afeta o desenvolvimento da pessoa e, como tal, ele é causado por problemas relacionados ao aspecto neurobiológico presente desde o nascimento. Falando nisso, crianças com autismo geralmente apresentam uma estrutura mais imatura e mais inadequada quando considerados os padrões de arquitetura cerebral da conformação dos neurônios.

Em outras palavras, eles estão dispostos de forma desorganizada, isso faz com que haja uma variação de localização (dos déficits de funcionalidades cerebrais) de acordo com as áreas mais afetadas e mais correlacionadas ao autismo de cada criança.

De tal modo, observar-se a existência de autistas que falam muito bem, por outro lado, há aqueles que nem falam. A heterogeneidade desses casos é tão grande que é possível notar crianças com autismo que demonstram uma desorganização mais voltada à área de linguagem e outras que manifestam essa situação em áreas perceptivas, áreas motoras ou de percepção visual.

No cérebro Autista é perceptível uma arquitetura desorganizada e apresenta uma modelagem anormal, impedindo que o seu funcionamento seja pleno. Sendo assim, a viabilização das pontes das ligações e ramificações encontram-se incompletas, desviadas, ou seja, ora ativadas, ora desativadas com conexões perdidas ou sobrecarregadas.

O TEA é um transtorno do desenvolvimento que afeta de maneira decisiva e predominante nossa capacidade de percepção social, portanto essa percepção é uma propriedade do cérebro responsável por permitir reconhecer, elaborar, processar e até responder de forma adequada uma questão de contexto social.

A percepção social depende de várias regiões do cérebro interconectados graciosamente, cada uma responsável por uma função contribuinte. Essas regiões processam reconhecimento de face humana, linguagem social (verbal e não verbal), análise emocional, estímulos sensoriais e funções executivas para organizar, sequenciar e integrar todas elas. (BRITES, 2019, p.37)

De acordo com a autora, no cérebro autista, essas funções e regiões responsáveis, encontram-se desconectados por suas funções, o que ocasiona

grandes dificuldades para responder empaticamente, seguir regras, convenções sociais ou se colocar no lugar do outro.

Diante destas situações o funcionamento cerebral do autista, encontrasse em fase de desenvolvimento, maturação, total desorganização e atípico, pois não é um cérebro que possa ser comparado ao de uma pessoa típica normal. No entanto o autista ele possui necessidades educacionais que precisa de um olhar diferenciado para o uso da prática pedagógica em seu processo de ensino aprendizagem.

2.2 UM OLHAR SOBRE AS NECESSIDADES EDUCACIONAIS DO TEA

O papel do professor nesse processo de inclusão do aluno com transtorno de espectro autista, é muito valioso, é um papel determinante, pois o docente que irá determinar como deve ser manuseado o processo de ensino-aprendizagem desse aluno, quando um professor assume uma sala regular de ensino ele se torna responsável pelo ato de ensinar, independente se o aluno é atípico de um transtorno ou não.

O docente é responsável pelo processo de ensino e aprendizagem dos seus alunos, na qual ele busca diversas didáticas de ensino, praticas metodológica e estratégias que contemple ao aluno o seu currículo escolar, quando o aluno não atende a este currículo o professor visa buscar novas e até mesmo um olhar diferenciado para sua prática de avaliação.

O professor de alunos com transtorno do espectro autista ele visa diversas formações continuadas, até mesmo especializações ou práticas de convivências no seu dia a dia, afim de conhecer o seu aluno para aprender como descobrir, entender e estimular este individuo a desenvolver suas habilidades.

Para Nóvoa (1995), a formação do professor não se constrói por acumulação (de cursos, de conhecimentos ou de técnicas), mas sim através de um trabalho de flexibilidade crítica sobre as práticas e de construção permanente de uma identidade pessoal. Por isso é tão importante investir neste profissional e ouvir suas experiências. Entretanto o professor não deve apenas deixar aquele aluno para o professor de apoio cuidar especificamente dele, e sim buscar mais conhecimento sobre o transtorno para assumir sua responsabilidade dentro de sala de aula, buscando se capacitar e conhecer outros tipos de deficiência.

Porém essa é uma das características que uma criança com autismo tem, por exemplo, o não olhar no olho, faz parte de um comportamento estereotipados, ou seja, são movimentos repetitivos sem função social e até mesmo a persistência de ações durante um período de tempo.

Devido a esses desafios de interação social, o professor deve conhecer o seu aluno, já que o autismo possui graus de gravidade, tanto é que devido a isso o autismo é classificado como “espectro”, por esses níveis de gravidade que cada aluno tem, e através de estudo que foram comprovados que se a intervenção com essa criança não for feita de imediata, ela pode sim regredir para graus mais elevados do transtorno.

Professores, orientadores, supervisores, direção escolar, demais funcionários, famílias e alunos precisam estar conscientes dessa singularidade de todos os estudantes e suas demandas específicas. Esta tomada de consciência pode tornar a escola um espaço onde os processos de ensino e aprendizagem estão disponíveis e ao alcance de todos e onde diferentes conhecimentos e culturas são mediados de formas diversas por todos os integrantes da comunidade escolar, tornando a escola um espaço compreensível e inclusivo. (LOPEZ, 2011, p. 16)

Neste sentido, o desafio do professor não está somente frente ao aluno, e sim a escola que boa parte possuem uma falta de estrutura no ensino básico padrão, e por muitas vezes os alunos não permanecem nessa escola, sejam esses alunos com qualquer tipo de deficiência. Já em algumas escolas essas barreiras estão sendo ultrapassadas, pois estão investindo em recursos tanto de estrutura quanto a capacitação de professores, gestores, e os demais que ali trabalham. Facilitando-as assim no recebimento desses alunos com necessidades especiais.

Sendo que de tal modo as escolas que não possuem essas estruturas, ou seja, as SRM (Sala de Recursos Multifuncionais) estão dando o máximo de si, já que sem as adaptações necessárias, esses alunos que possuem a deficiência, terão que lidar com muitas barreiras ao longo de sua passagem na rede de ensino.

Pois até mesmo antes de pensar como será a inserção deste aluno na sala de aula, a escola precisa rever os seus conceitos para que a inclusão aconteça de modo que, as diferenças desses alunos venham a ser igualada, tendo os mesmos direitos que todos, apesar de necessitarem sim de um professor de apoio para poder intermediar esse processo.

Diante dos desafios de aprendizagem o professor de apoio tende a adaptar o conteúdo para que aquele aluno venha a superar a dificuldade perante ao processo de ensino.

O nível de desenvolvimento da aprendizagem do autista geralmente é lento e gradativo, portanto, caberá ao professor adequar o seu sistema de comunicação a cada aluno. O aluno deve ser avaliado para colocá-lo num grupo adequado, considerando a idade global, fornecida pelo PEP-R, desenvolvimento e nível de comportamento. É de responsabilidade do professor a atenção especial e a sensibilização dos alunos e dos envolvidos para saberem quem são e como se comportam esses alunos autistas. (SANTOS, 2008, p.30)

De acordo com o autor, o nível na qual o aluno com autismo possa ser diferente dos demais alunos, e cabe ao professor fazer suas adequações, buscar novas estratégias e adaptação curricular mediante a cada nível em que o aluno com TEA se encontre. Observa-se que nas escolas atuais a inclusão acontece de fato e direito, visto que os alunos se encontram inseridos em sala de aulas juntos com os demais alunos, o nível de aceitação por parte dos alunos é perceptível, uma vez que cabe ao professor conscientizar os demais alunos a praticar a reflexão do uso da empatia, ou seja, colocar-se no lugar do outro indivíduo. Sendo assim todos os alunos participam de atividades juntos, atendendo as suas especificidades.

A escola é um ambiente muito estimulante principalmente para crianças que tem TEA, porém não somente a quantidade de estímulo e sim a qualidade deles, pois não adianta somente ter um ambiente que estimule, se o professor não sabe trabalhar esses estímulos com a criança, e isso não é somente com as crianças especiais e sim aos alunos típicos.

A inclusão escolar de alunos com TEA ainda enfrenta muitos desafios, como a ausência de recursos pedagógicos e profissionais de apoio, dificuldade para realizar e planejar as intervenções adaptadas devido à falta de formação ou capacitação para trabalhar com alunos com TEA, pois muitos professores se sentem despreparados. Faltam a estes uma melhor compreensão acerca da proposta de inclusão escolar, melhor formação conceitual e condições mais apropriadas de trabalho. (MARTINS, 2012, p.56)

Conota-se que tanto a formação inicial como a formação continuada do professor precisam estar fundamentada em ações que criem condições necessárias para uma prática educativa coerente com o processo inclusivo. Portanto, as ações e estratégias voltadas à inclusão em sala de aula exigem dos educadores maiores

conhecimentos sobre o TEA, para que consigam organizar e planejar estratégias com objetivos claros, voltados a atender as reais necessidades desses alunos, respeitando suas peculiaridades na organização das flexibilizações curriculares.

Percebe-se, portanto, que a garantia na lei muitas vezes não é suficiente, pois o que acontece na prática nem sempre segue a cartilha legal, o que pode trazer inúmeros prejuízos para o desenvolvimento desses alunos. Assim, verifica-se que é imprescindível que os professores desenvolvam na sua prática pedagógica estratégias e metodologias que promovam a inclusão dos alunos com TEA, a começar pelo planejamento, o qual precisa ser realizado e pensado com atividades e conteúdos adaptados.

Para Brites (2019) A elaboração de atividades dentro de uma rotina, por exemplo, permite que o aluno forme hábitos e se organize. Explorar recursos como músicas, histórias, atividades em grupos, jogos e materiais visuais, contribuirá de maneira significativa no desenvolvimento e na inclusão destes alunos na sociedade. A visão do professor e suas ações pedagógicas são fundamentais na efetivação de uma educação inclusiva, sendo um dos principais responsáveis pela promoção da socialização, da inclusão e do desenvolvimento dos alunos com TEA.

Na escola, o aluno com autismo se encontra dentro das ações previstas para as crianças e adolescentes que detêm de necessidades educacionais especiais, que além de ter a aprendizagem como meta a ser alcançadas, traz consigo a proposta de inserção de alunos típicos para que estes saibam respeitar as limitações e as especificidades que o aluno TEA possua e favoreça a sua presença na escola.

Cabe ao professor diante de tantas realidades presenciadas no cotidiano escolar, fazer sua diagnose inicial e identificar o nível de aprendizagem do aluno autista. Percebe-se que, quando se fecha um diagnostico tardio especifico ao TEA, o aluno chega na escola com precoces desenvolvimentos socio educativos, aponto de não serem alfabetizados e com diversos déficits de aprendizado, variando de acordo com seus níveis.

Ademais, é natural que os níveis de aprendizagem se revelem variáveis, visto que um autista com déficits intelectuais apresente restrições enorme para a vida escolar, pois são extremamente dependentes nas atividades básicas da vida diárias, mesmo nas ações mais simples do seu cotidiano escolar ele não consegue fixar o baixo nível de compreensão, interpretar, escrever e socializar. No entanto faz-se

necessário trabalhar habilidades básicas de atividades de vida diárias, rotinas e práticas de auto cuidado.

Alunos autistas com níveis moderado e severo, mesmo sem deficiência intelectual, também podem ter grandes dificuldades na aprendizagem de leitura, escrita e matemática e não avançar nos níveis esperados no currículo escolar. Contudo é notório mencionar que alguns autistas podem ter um rendimento normal, proporcional a sua turma idade-série de ensino, já outros podem ter baixos rendimentos em algumas matérias ou em todas.

2.3 ESTRATÉGIAS DE ALFABETIZAÇÃO

A alfabetização em crianças com autismo pode ser um desafio para os pais e professores. Isso acontece porque os alunos com autismo experimentam dificuldades específicas em relação ao processo de aprendizagem. A escrita, por exemplo, é um obstáculo para muitos estudantes autistas, pois envolve coordenação, força muscular, habilidades motoras, habilidades de linguagem e organização.

Conota-se que um dos grandes desafios para os professores é ter que observar como cada criança com o Transtorno do Espectro do Autismo (TEA) é única, é importante que seja observada as características individuais – como a criança percebe o mundo, suas dificuldades, comorbidades, desenvolvimento linguístico, pensamentos e o que ela faz para lidar com suas dificuldades e frustrações.

Sendo assim, é necessária a ajuda de diversos profissionais da educação para que se possa realizar uma avaliação psicopedagógica, a fim de avaliar a cognição e psicomotricidade, além das formas de se relacionar com o mundo. Essas questões são fundamentais para criar estratégias na hora de alfabetização e adequar o ambiente às necessidades da criança com TEA.

A alfabetização vem sendo trabalhada em uma perspectiva de letramento, que Soares (2005, p.50) designa como o conjunto de conhecimentos, atitudes e capacidades envolvidos no uso da língua em práticas sociais e necessárias para uma participação ativa e competente na cultura escrita, enquanto a alfabetização, no seu sentido próprio seria o processo de aquisição do código escrito, das habilidades na leitura e escrita. Dessa forma, propor a aprendizagem da produção de textos escritos para alunos com TEA requer pensar esse eixo da alfabetização numa perspectiva de

letramento, considerando e utilizando o interesse do aluno, sua história e as capacidades que ele possui para uma aprendizagem significativa.

Pressupõe-se que, no contexto escolar, as crianças autistas desde cedo, podem e devem se arriscar a produzir textos individuais e espontâneos, mesmo não tendo o domínio do sistema alfabético, em situações de escrita espontânea mediadas pelo docente inclusive para estruturação conjunta da produção textual com o aluno.

O trabalho com a escrita alfabética é uma via potente e possível quando se trata da escolarização de crianças com autismo. Ele possibilita a reordenação do campo simbólico para que a criança possa dizer de si e dirigir seu texto a um outro que a reconhece e a confirma. No entanto, os resultados de tal processo nem sempre são verificáveis ao final de um ano letivo.

Para Queiroz (2018), os processos de alfabetização em crianças autistas devem ser específicos em razão da individualidade de cada aluno. É importante também que os pais e familiares, estimulem a leitura em casa. Para o processo de letramento, o docente poderá utilizar animais ou personagem favoritos da criança para despertar o interesse pela tarefa. O professor deve observar quando selecionar uma atividade que seja mais lúdica, que se torne mais prazerosa e que não demandem tanto tempo, que não sejam tão longas e que atraiam a atenção dele, coisas que ele se sinta atraído.

Para permitir o desenvolvimento cognitivo do aluno, o educador poderá estimular o interesse por brinquedos ensinando-lhe a brincar de forma adequada e sempre explicando o que está fazendo e o que vai fazer. Estimular jogos que use a imaginação da criança, explicando que ela pode ganhar ou perder o jogo. Faz-se necessário que o docente receba atentamente as respostas do aluno com paciência quando lhe fizer uma pergunta ou proponha uma atividade. Sempre procurando elogiar a criança quando ela atender as suas solicitações, promovendo assim a interação social.

O uso de recursos visuais também é sistematicamente destacado quando o assunto é intervenção nos TEA. A utilização de recursos visuais como desenhos, figuras, fotografias, vídeos ou objetos concretos associados ao aspecto que se pretende desenvolver ou à atividade planejada, pode ajudar na compreensão e interesse de crianças e adultos com TEA. (BRITO, 2017, p. 22)

De acordo com o autor é importante utilizar atividades que desenvolva também o psicomotor e o sensorial da criança a exemplo de texturas diferentes, elementos da natureza, água, areia, etc. Promova situações que incentivem a convivência com outras crianças ou pessoas da mesma faixa etária. Evite o excesso de sons misturados, televisão e a circulação excessiva de pessoas. Essas foram algumas estratégias que poderão ser utilizadas na sala de aula para facilitar o processo de alfabetização e letramento de crianças autista.

Entretanto, são muitos os obstáculos que precisam ser superados para a inclusão de alunos com autismos nas escolas públicas do Brasil. Sabe-se que, apesar das diversas conquistas, a inclusão de alunos com deficiência ainda está longe do ideal. No entanto, é possível que a escola, mesmo com pouco recursos e tempo, contribua para o processo de ensino-aprendizagem do aluno com (TEA).

Segundo Queiroz e Ferreira (2018), o professor deve observar, quando selecionar uma atividade que seja mais lúdica, que se torne mais prazerosa e que não demandem tanto tempo, que não sejam tão longas e que atraiam a atenção dele. Em criança com pouca coordenação motora o professor poderá realizar atividades que desenvolvam a coordenação, através de tarefas em que a criança possa amassar papel, recortar, pegar pequenos objetos, essas estratégias poderão ajudar a produção da escrita.

Em relação ao material didático utilizado pelo aluno autista, o professor deverá combinar cores que estimulam a memorização e a atividade cerebral, combinado com materiais didáticos adequados para a memorização visual e auditiva. O material deverá ser fácil manipulação e resistente ao uso no dia a dia e, se possível, confeccionado em tons vermelhos ou alaranjados para estimular a concentração e a memorização do aluno com (TEA). (NASCIMENTO, 2016, p. 74).

2.4 FAMÍLIA E ESCOLA NO PROCESSO E APRENDIZAGEM DO ALUNO COM TEA

Família e escola são pontos de apoio e sustentação ao ser humano, são marcos de referência existencial. Quanto melhor for a parceria entre ambas, mais positivos e significativas serão os resultados na formação do sujeito. O envolvimento dos pais e professores/escola como parceiros frente à educação das crianças é fundamental para garantir a adaptação e aprendizagem dos estudantes. O que separa as funções

de cada um desses sistemas – parental e escolar - são questões acerca do que compete e do que é semelhante a cada um deles.

Entretanto, o estudo de Ferreira e Barrera (2010) salientou que, muitas vezes, o relacionamento entre família e escola não passa de uma relação unilateral de informações e cobranças. A escola tende a culpabilizar os pais pelas dificuldades enfrentadas no processo de aprendizagem, mas geralmente o apoio familiar exigido é dificultado pela falta de orientação sobre a melhor forma de contribuir com a rotina escolar da criança.

As autoras enfatizam que é preciso repensar a relação família e escola, destacando que a escola necessita atentar para as diferentes dinâmicas familiares, assim como os pais precisam colaborar com o sistema escolar para a promoção de um ambiente rico em recursos e atividades para os processos de ensino e de aprendizagem.

Especificamente no contexto da inclusão escolar de crianças com TEA, constata-se que esse processo carece de maior discussão devido à complexidade do transtorno. Alguns estudos já sinalizaram benefícios da inclusão a tais crianças e suas famílias como a melhora da concentração nas atividades propostas e, conseqüentemente, o cumprimento delas, além de propiciar o estabelecimento de interações com colegas. Esses resultados refletem na família, pois se atribui mais credibilidade às potencialidades da criança à medida que se percebe o seu investimento em relação à aprendizagem. (CAMARGO & BOSA, 2009; SILVA et al., 2020).

As dificuldades que podem ser apresentadas pelos pais e professores frente ao processo de inclusão decorrem, muitas vezes, da dificuldade de entendimento das características da criança com TEA, conhecer o indivíduo é o primeiro passo para este processo de ensino e aprendizagem.

Para Gomes (2010) buscar características, é conhecer o perfil dos alunos com TEA matriculados em escolas regulares de ensino, evidenciando aos professores os alunos com dificuldades de aprendizagem, interação social, comportamento especialmente de entendimento do diagnóstico, pois há diversos termos usados pelos especialistas para especificar o transtorno, decorrentes da diversidade de características apresentadas a pessoa autista.

A inclusão efetiva, apesar do aparato legal, acontecerá se tanto a família como a escola estiverem engajadas no processo, numa relação de simbiose, ou seja, em

trocas de informações com um diálogo aberto e afetivo. A família participa do processo inclusivo escolar da criança com TEA de maneira muito especial, oferecendo aos educadores informações sobre as formas de comunicação de seus filhos, a família constitui fator determinante para denotação e manutenção, assim como para o impedimento do processo inclusivo. (SERRA, 2004, p.45)

Os pais geralmente estão preocupados com o futuro de seus filhos, apesar de o processo de aprendizagem dessa população ser lenta, devendo ser colocado como prioridade a interação entre pais e equipe escolar.

Segundo Brasil (2011), a relação participativa estabelecida entre família e escola é de suma importância para o desenvolvimento das crianças. Para garantir a inclusão escolar de crianças com deficiência, o Atendimento Educacional Especializado recebeu prioridade pelo Plano Nacional de Educação Especial, com a função de organizar, elaborar e identificar os recursos pedagógicos e de acessibilidade para eliminar barreiras em prol da plena participação dos educandos, considerando necessidades particulares, promovendo autonomia e independência no ambiente que esteja inserido.

O atendimento educacional especializado deve envolver a participação da família para garantir pleno acesso e participação dos estudantes, atender às necessidades específicas das pessoas público-alvo da educação especial, e ser realizado em articulação com as demais políticas públicas. (BRASIL, 2011, p.29)

Na perspectiva inclusiva, a afetividade tem ganhado destaque por ser um caminho eficaz para todos os envolvidos no processo educativo. Sendo assim, cabe ressaltar que a afetividade contribui para a relação estreita que deve ser estabelecida entre família e escola para que a criança com TEA sinta-se acolhida e amada, propiciando o processo inclusivo.

Uma boa relação entre a família e a escola deve estar presente em qualquer trabalho educativo que tenha como principal alvo, o aluno. A escola deve exercer sua função educativa junto aos pais, discutindo, informando e orientando sobre os mais variados assuntos, para que em reciprocidade escola e família possam proporcionar um bom desempenho escolar e social às crianças.

Para Zagurrry (2004), a educação não é uma tarefa que a escola possa realizar sozinha sem a cooperação de outras instituições e, a nosso ver, a família é a instituição que mais perto se encontra da escola. A família, além de acompanhar todo

esse processo, também deve adotar práticas diárias que facilitem a evolução da criança com TEA. Para seu desenvolvimento acontecer da melhor forma possível, a criança precisa de diversos estímulos.

As terapias são importantes, porém esse trabalho deve ter continuidade em casa e fazer parte da rotina para um melhor desenvolvimento. É muito importante que uma criança com transtorno do espectro autista - TEA esteja inserida dentro de um contexto escolar, principalmente pela questão de interação social.

Enfim quando se fala em autismo uma das características está relacionada com a dificuldade em que a criança tenha uma troca com o outro, a questão do contato visual, a questão de perceber a outra pessoa como parceiro para brincar. O quanto antes essa criança puder ser inserida em uma educação regular, de fato é muito importante e faz uma grande diferença em todos os aspectos do desenvolvimento, sendo assim, a parceria entre escola e família se faz necessária, pois juntas podem lutar para elencar o processo de ensino e aprendizado do aluno autista.

3 DESAFIOS EM ALFABETIZAR ALUNOS COM TRANSTORNO ESPECTRO AUTISTA: ANÁLISE NA ESCOLA MUNICIPAL DE ENSINO FUNDAMENTAL CARMEM VALENTE NO MUNICÍPIO DE JACAREACANGA-PARÁ

3.1 CARACTERIZAÇÃO DA ESCOLA

A Escola Carmem Valente da Silva, localizada no município de Jacareacanga, Estado do Pará, situada na Avenida Mundurukânia nº 19, Bairro São Pedro. Fundada em 04 de outubro de 2004, sob a gestão do Prefeito Eduardo Azevedo. A denominação Carmem Valente da Silva, é uma homenagem à mãe da arquiteta da escola, a senhora Norma Maria da Silva. Em sua inauguração foi nomeada como diretora desta escola, a pedagoga Ciane Mota, a qual exerceu o cargo de sua fundação, ao término no ano letivo de 2004. A escola em sua fundação contava com 01 (uma) secretária, 02 (dois) auxiliares de secretaria, 10 (dez) serventes, 06 (seis) merendeiras e 03 (três) vigias. O corpo docente era constituído por 28 (vinte e oito) professores, com uma clientela escolar constituída de 500 (quinhentos) educandos. Sua estrutura física comporta 12 (doze) salas de aula, 01 (uma) diretoria, 01 (uma) secretaria, 01 (uma) sala de professores, 01 (uma) cozinha, 04 (quatro) banheiros, 01 (um) espaço que atendia como refeitório e 01 (uma) área para recreação.

Em 2005, na gestão do Prefeito Carlos Augusto Veiga, a mesma ficou sob a direção da pedagoga Edna Ferreira Araújo que exerceu o cargo até 2008. Seu corpo docente era constituído de 28 professores que atendia uma clientela de 635 alunos.

Em 2006 o corpo docente era constituído por: 854 alunos, em 2007 a escola atendia uma demanda de: 950 alunos e em 2008, 1.400 alunos.

Em 2009, na administração municipal sob a gestão do Prefeito Raulien Oliveira de Queiroz, a escola é administrada pela Pedagoga Maria do Carmo Silva, a qual assume o cargo de gestora por 02 (dois) meses; e, ainda no I Semestre das atividades letivas, a gestão escolar recebe em sua administração a pedagoga Maria Terezinha de Oliveira com uma clientela escolar composta de 1.080 alunos. A Pedagoga exerceu o cargo de gestora até 2010, ano em que teve início a reforma e ampliação da estrutura física de seu prédio neste ano, a escola atendia uma demanda de 1.000 alunos.

No ano letivo de 2011, a escola tem em sua gestão administrativa a pedagoga e Bióloga Meryane Damasceno da Silva. Em 2012 assume a direção a Pedagoga Silvelene Silva Santos.

Aos 02 de Agosto de 2012, a escola recebe a educadora, Professora Edna Ferreira com 03 Vices Diretores sendo eles: Marculino Oliveira, Rina Celiane e Janaina Martins.

No início do ano de 2013, assume a direção a mestranda em Ciências da Educação professora Edilza Lima Azulino, com 01 Vice Diretor, Professor Marculino Oliveira da Silva e a professora Lea Rodrigues de Sousa, atendendo uma demanda de 1.037 alunos, distribuídos em 48 docentes, 01 Secretária e um Corpo Técnico de 04 Pedagogos.

No primeiro semestre do ano de 2014, assumiu a direção da escola a pedagoga Alina Aparecido Azevedo Azevedo Moreira e como Vice Diretora Raimunda Eciney Pereira dos Anjos. Neste ano a escola atendeu uma demanda de 1.014 alunos e o seu corpo docente é constituído por 38 professores e um corpo Técnico Pedagógico de 05 pedagogos e uma Secretária.

Em 2015 assume a Direção à pedagoga e mestranda Raimunda Eciney Pereira dos Anjos tendo como vice diretora Claudeane de Farias Sousa no segundo semestre a Vice Diretora Ana Claudia Damasceno. Neste ano escola atende 956 alunos tem um corpo 05 Técnicos, 21 Pedagogos, 07 letrados, 03 historiadores, 03 matemáticos, 02 geógrafos, 02 biólogos, 01 educador físico, 03 língua estrangeira, especialistas e mestrandos em áreas afins. Vale ressaltar que nossa escola trabalha com a inclusão social e racial, sempre desenvolvendo Projetos que englobam a todos, pois uma educação de Qualidade é Direito de todos.

No ano de 2016, assumiu a direção da escola a pedagoga Raimunda Eciney Pereira dos Anjos tendo como vice-diretor o professor Andreson Rodrigues de Souza e Arlécio Figueiredo Valente, já no segundo semestre do mesmo ano assumiu a direção da escola o vice-diretor Andreson Rodrigues Souza. Neste ano a escola atendeu uma demanda de 1.064 alunos e o seu corpo docente é constituído por 47 professores e um corpo Técnico Pedagógico de 05 pedagogos, uma Secretária e cinco auxiliares.

Em 2017, assume a gestão municipal o prefeito Raimundo Batista Santiago, assumindo a direção da escola o pedagogo Andreson Rodrigues de Souza tendo como vice-diretora a mestra em Ciências de Educação Edilza Lima Azulino e a

pedagoga Maria Vilma Soares. Neste ano a escola atendeu uma demanda de 1.300 alunos e o seu corpo docente era constituído por 48 professores, e um corpo Técnico de 06 Pedagogos, uma secretária e três auxiliares.

Em 2018, a escola recebe a educadora Pós-Graduada em Gestão Escolar, Professora Edna Ferreira com 02 Vices Diretoras sendo elas: Claudiane Martins dos Santos e Edilza Lima Azulino, atendendo uma demanda de 1.078 alunos, distribuídos em 48 docentes, 01 Secretária, 05 auxiliares e um Corpo Técnico de 06 Pedagogos, e parte de apoio 08 merendeiras, 12 serventes, 07 cuidadoras, e 04 vigias.

Em 2019 e 2020 a escola recebe em sua Direção, a educadora Pós-Graduada em Gestão Escolar Professora Edna Ferreira com 02 Vices Diretoras sendo elas: professora Claudiane Martins dos Santos e Edilza Lima Azulino, Mestranda em Educação, a escola está atendendo uma demanda de 1.118 alunos, distribuídos em turmas que funcionam nos turnos manhã, tarde e noite, com 46 docentes, entre eles Pedagogos, Letrados, Matemáticos, Biólogos, Geógrafos e Historiadores, 01 Secretária, 04 auxiliares e um Corpo Técnico de 06 Pedagogos, e parte de apoio 08 merendeiras, 13 serventes, 07 cuidadoras, e 04 vigias.

Em 2021 sob a gestão do Prefeito Municipal Sebastião Aurivaldo Pereira da Silva, assume a direção a professora Lea Rodrigues de Sousa tendo 02 vices diretores os pedagogos: Edilza Lima Azulino e Reginaldo Peres Lopes, e coordenação pedagógica composta por 06 pedagogos, a escola atende uma clientela de 1.250 alunos distribuídos em 36 turmas que funcionam nos turnos: manhã, tarde e noite, com 51 docentes: Pedagogos, Letrados, Matemáticos, Biólogos, Geógrafos e Historiadores e 01 Educador Físico e 06 professoras auxiliares de alunos, e parte de apoio 06 merendeiras, 12 serventes, e 04 vigias.

No período escolar durante a covid-19. Considerando o atual momento o prefeito Municipal o senhor Sebastião Aurivaldo Pereira Silva por meio dos decretos municipais suspendeu as aulas, seguindo o Decreto Estadual do Estado do Pará nº 800, de 17 de março de 2021, estabelecido pelo Governador. Nossa escola iniciou simultaneamente um plano de implementação de planejamento, organização e adaptação de continuidade das atividades pedagógicas a distância. Para tanto, nossa escola adotou o modelo de atividade remota impressa com a finalidade de gerir a implantação de uma “estrutura escolar” adequada ao momento excepcional que a sociedade vive e às atividades escolares decorrentes e em demanda para que os pais e/ ou responsáveis pudessem vir à escola num período de 15 dias entre uma atividade

e outra, foi estabelecido o objetivo de realizar de modo eficiente e eficaz a implementação de uma estrutura escolar com aulas remotas, a partir do dia 26 fevereiro, para todos os alunos da escola, da Educação de 1º ao 9º ano e a EJA- Educação de Jovens e Adultos. A escola sempre manteve o diálogo e o bom relacionamento com os pais e/ ou responsáveis e tomou todas as devidas precauções durante esse contato no ambiente escolar com o intuito de preservar e proteger a saúde de pais e funcionários exigindo o uso da máscara e o uso de álcool gel 70% na entrada da escola e corredores de acesso as salas.

Em 2022 assume a direção a professora Lea Rodrigues de Sousa tendo 02 vices diretores os pedagogos: Auricélia de Moraes Barbosa e Reginaldo Peres Lopes, e coordenação pedagógica composta por 06 pedagogos: Elizangela Sales, Robenilda da Conceição Souza, Maria Daiana Oliveira de Castro, Antônio Cláudia Costa, Edenis Govea de Lima , Antônio de Oliveira Ferreira, a escola atende uma clientela de 1.150 alunos distribuídos em 40 turmas que funcionam nos turnos: manhã, tarde e noite, com 51 docentes: Pedagogos, Letrados, Matemáticos, Biólogos, Geógrafos e Historiadores e 01 Educador Físico, 06 merendeiras, 16 serventes, e 04 vigias.

3.2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Os procedimentos metodológicos para a produção deste trabalho, consistiu em pesquisas realizadas na EMEF Carmem Valente no Município de Jacareacanga-Pará em abril de 2022, que está fundamentada em referências bibliográficas que aborda autores como: Kuczynski (2015), Gadia (2013) , Brites (2019) , Reveles (2012) , Gaiato (2012) dentre outros que foram utilizados na produção do presente trabalho, a fim de embasamento teórico, desenvolveu-se uma pesquisa exploratória de cunho qualitativo e descritivo, visando analisar as percepções dos professores quanto aos desafios em alfabetizar alunos com Transtorno do Espectro Autista.

A pesquisa buscou responder as seguintes questões norteadoras: Quais os principais desafios docentes enfrentados em sala de aula no processo de inclusão de alunos atípicos com TEA? Quais as práticas pedagógicas utilizadas para promover a alfabetização dos alunos com TEA? De que forma a escola deve acolher e orientar as famílias dos alunos com TEA em seu processo de inclusão?

Os objetivos almejados neste estudo consistiram em analisar os desafios que a escola enfrenta no processo de alfabetização de alunos com transtorno do espectro autista.

O presente estudo teve como sujeitos das pesquisas sete professores que trabalham na escola investigada. Os dados foram coletados por meio de entrevistas com questionários elaborados em abril de 2022, respondidos individualmente. Para se alcançar os seguintes resultados, a pesquisa evidenciou coleta de dados, análise bibliográfica, discussões acerca das respostas dos entrevistados, sugestões de proposta de intervenções e conclusão.

3.3 PERFIS DO ENTREVISTADOS

Para a realização desta pesquisa foi necessário entrevistar sete professoras, sendo todas do sexo feminino, com idades respectivas que variam entre 25, 26, 27, 29, 39 e 53 anos de idade, todas são Licenciadas Plenas em Pedagogia. As entrevistadas atuam na EMEF Carmem Valente, foi aplicando um questionário com perguntas variadas e quando perguntado as entrevistadas qual o tempo de serviço prestados na Educação?

Quadro1: identificação profissional. Fonte: Professores da EMEF Carmen Valente (2022)

PROFESSOR	SEXO	QUANTO TEMPO TRABALHA NA EDUCAÇÃO	Formação/ Especialização
Prof.01	Fem.	3 anos	Pedagogia
Prof.02	Fem.	6 anos	Pedagogia / Psicopedagogia Institucional e Clínica
Prof.03	Fem.	6 anos	Pedagogia / Educação Infantil e Series iniciais
Prof.04	Fem.	10 anos	Pedagogia / Educação Especial e Inclusiva/ Educação Infantil e Ensino Fundamental
Prof.05	Fem.	19 anos	Pedagogia / Gestão e Educação Ambiental
Prof.06	Fem.	8 anos	Pedagogia /Educação Infantil e Series iniciais
Prof.07	Fem.	7 anos	Pedagogia/ Educação Infantil e Series iniciais

De acordo com as entrevistadas o tempo de trabalho que ambas atuam na educação varia bastante entre três e dezenove anos , tendo em vista o que demonstra

no quadro acima, observa-se que somente uma das entrevistadas não possui especialização.

3.4 ANÁLISE DA PESQUISA COM OS DOCENTES

De forma a aprofundar o estudo teórico realizado na Escola Municipal de Ensino Fundamental Carmem Valente no Município de Jacareacanga-Pará, sentiu-se a necessidade de análises docentes através dos questionários respondidos pelos mesmos sobre os desafios em alfabetizar alunos com Transtorno do Espectro Autista.

Compreender de que forma a escola tem capacitados seus profissionais para trabalhar com as referidas crianças, isso nos faz refletir, acerca da estimulação educacional com estes alunos autistas, mais quando nos deparamos com várias situações que possam interferir no processo ensino-aprendizagem e de inclusão social, levanta-se uma reflexão sobre as novas formas de ensinar e aprender, sendo assim, se faz necessário o professor está capacitado e conhecer o seu aluno.

Inicialmente, perguntou-se: Na sua concepção o que é autismo? No quadro 2 encontram-se as opiniões das professoras participantes da pesquisa.

Quadro 02: Na sua concepção o que é autismo? **Fonte:** Professores da EMEF Carmen Valente (2022)

PROFESSOR(A)	RESPOSTAS
P1	É um transtorno neurológico.
P2	É um transtorno no desenvolvimento do cérebro que afeta a capacidade de relacionamento com pessoas e o ambiente.
P3	O autismo é um distúrbio de desenvolvimento, sendo ele permanente e severamente incapacitante.
P4	O transtorno do espectro autista (TEA) é um distúrbio caracterizado por desenvolvimento atípico.
P5	Um distúrbio no desenvolvimento do cérebro que caracteriza comportamentos atípicos, em suma, dificulta a atenção, comunicação, interação social.
P6	É um transtorno neurológico que afeta o desenvolvimento do relacionamento com outras pessoas.
P7	É um transtorno do neurodesenvolvimento.

Como se pode analisar através das respostas apresentadas pelas docentes sobre o que é autismo, percebe-se que todas possuem um conhecimento prévio sobre o assunto, mostrando que já buscaram conhecer melhor sobre este transtorno e suas características. Este conhecimento pode ser favorável no trabalho desenvolvido em sala de aula, na busca de estratégias e no próprio modo de lidar no dia a dia

com o aluno autista. Pois o autismo é um transtorno do desenvolvimento neurológico pervasivo e permanente.

O autismo é definido pela organização mundial de saúde como um distúrbio do desenvolvimento, sem cura e severamente incapacitante. Sua incidência é de cinco casos em cada 10.000 nascimento, caso se adote um critério de classificação rigorosa é três vezes maior se considerar casos correlatados, isto é, necessitem do mesmo tipo de atendimento. (MANTOAN, 1997, p. 13)

De acordo com a autora, o autismo é um distúrbio do desenvolvimento, na qual não se tem cura, o ser humano acometido com autismo, deve conviver até o final de sua vida com essas características, embora prescrito no Cid 10, estas classificações elas clarificam cada grau de autismo e suas características.

O transtorno do espectro autista (TEA) é um dos transtornos do neurodesenvolvimento mais prevalentes na infância. O fato é que, para muitos pais, a ausência marcante de informações ainda acaba sendo um dos maiores impasses para lidar com essa realidade, isso porque, muitas vezes, tal condição pode acarretar uma substancial dificuldade acerca da socialização da criança.

No entanto esses desafios vivenciados pelos pais, por terem medo da aceitação por parte da sociedade vai muito além dos muros de casa, a escola precisa estar preparada para receber o aluno com TEA e os professores capacitados para desenvolver atividades inclusas no seu dia a dia.

Sendo assim, é justamente nesse momento que muitos pais acabam lidando com uma evidente dificuldade, visto que existe uma grande incompreensão por parte da sociedade, o que os deixam inseguros com relação a escola e os professores. Pois, a escola precisa está preparada para receber o público de inclusão, incluir não é somente matricular os alunos na escola, mais sim, dar total subsídio com relação ao processo de ensino-aprendizagem de acordo com cada especificidades, mediante a isto, derrubar as barreiras de exclusão é o melhor método para alcançar uma pratica Pedagógica de inclusão.

Prosseguindo com a pesquisa, perguntou-se: **Quais as características de um aluno autista?**

Quadro 3: Quais as características de um aluno autista? **Fonte:** Professores da EMEF Carmen Valente (2022).

PROFESSOR(A)	RESPOSTAS
--------------	-----------

P1	Não faz contato visual, não gosta de barulho, possui gestos repetitivos e também é bastante inteligente em uma determinada área.
P2	Atraso anormal na fala quando a criança tem dificuldade em manter uma conversa quando mais velho, dificuldade em participar de atividades e brincadeiras em grupo dificuldade de interpretar expressões faciais gestos.
P3	Umas das principais características de uma criança autista, é o isolamento a criança com autismo ela tem uma perda de contato com a realidade, se fechando apenas em um mundo somente dela, outra característica são os movimentos repetitivos, sempre estarem se relacionando na terceira pessoa, ou seja, o traço fundamental do autismo é a incapacidade para se relacionar com as pessoas.
P4	Dificuldade em manter uma conversa, dificuldade em participar de atividades e brincadeiras em grupo, Dificuldade em interpretar expressões faciais e gestos. Falta de contato visual. Dificuldades em ter empatia.
P5	Dificuldade de interação, comunicação, as vezes de atenção, e aprendizagens (com exceções), repetições de palavras ou ações, sensibilidade aos sons e movimentações exageradas.
P6	A dificuldade de se relacionar com outras pessoas, gestos repetitivos, dificuldades de participar de atividades em grupos e dificuldade de interpretar expressão faciais.
P7	As principais características referem-se à dificuldade na comunicação, sobretudo a verbal, na expressão de suas emoções e no entendimento das emoções do outro. Costumam ser reservados, ter interesses restritos e comportamentos repetitivos.

Conota-se nas falas das entrevistadas que existem diversas características referentes ao aluno autista, dentre elas as mais citadas foram: A ampla dificuldade de promover uma interação social, dificuldade com linguagem e até mesmo um comportamento mais repetitivo são as principais e mais marcantes características associadas a pessoas que convivem com o TEA.

O autista vive em seu mundo interior, pelo fato de ter dificuldades em se relacionar com outras pessoas, por não usar a fala como um meio de comunicação, não se expõe ao mundo externo. É comum crianças com TEA terem movimentos estereotipados, como, por exemplo, balançar as mãos, estalar os dedos, repetição de sons estranhos, moverem-se para frente e para trás por um longo tempo ou bater palmas. Também apresentam dificuldades em compartilhar interesses e em demonstrar sentimentos e afetos.

Os comportamentos motores estereotipados e repetitivos, como pular, balançar o corpo e/ou as mãos, bater palmas, agitar ou torcer os dedos e fazer caretas, são sempre realizados da mesma maneira e alguns pais até relatam que observam algumas manias na criança que desenvolve tais comportamentos. [...] os comportamentos destrutivos cognitivos, tais como compulsões, rituais e rotinas, insistência, mesmice e interesses circunscritos que são caracterizados por uma aderência rígida a alguma regra ou necessidade de ter as coisas somente por tê-las. (SILVA,2012, p. 39-40)

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é um transtorno que afeta o quadro comportamental, pois, no Autismo, existem vários níveis de intensidade, por isso, é preciso um trabalho com cada criança, o que torna o processo um tanto complexo, pois cada uma apresenta um conjunto de comportamentos e características.

No desenvolvimento da criança com Transtorno do Espectro Autista (TEA) podem ocorrer alterações de comunicação, como destacado abaixo: As alterações de comunicação em indivíduos do espectro do autismo incluem, desde a ausência de fala em crianças com mais de três anos, a presença de características peculiares, como ecolalia, inversão pronominal, discurso descontextualizado, ausência de expressão facial, até o desaparecimento repentino da fala. Essas alterações aparecem na literatura como uma das primeiras preocupações dos pais dessas crianças (BALESTRO; FERNANDES, 2012, p. 279).

Para o autor, o autismo é visto como uma condição que afeta crianças de qualquer cultura e raça, sendo uma condição que pode se manifestar de diversas maneiras ao longo dos anos. As dificuldades apresentadas através das características do indivíduo é perceptível pelos pais em seus primeiros anos de vida, sendo assim, a família vai em busca de informações para elucidar as perguntas impertinentes aos seu interior.

O diagnóstico do Autismo é realizado através da observação do comportamento da criança, e também na análise de todo o seu histórico e interação com o meio, sendo realizada uma entrevista com os pais e/ou responsáveis, a fim de esclarecer uma anamnese, uma entrevista demorada, justamente para entendermos e estudarmos o caso do aluno ou seja fazemos um estudo de caso sobre a vida do aluno, para depois termos embasamento em sua jornada educacional, redacionada por meio de relatórios semestrais.

Quando questionadas sobre você já trabalhou com alunos autistas?

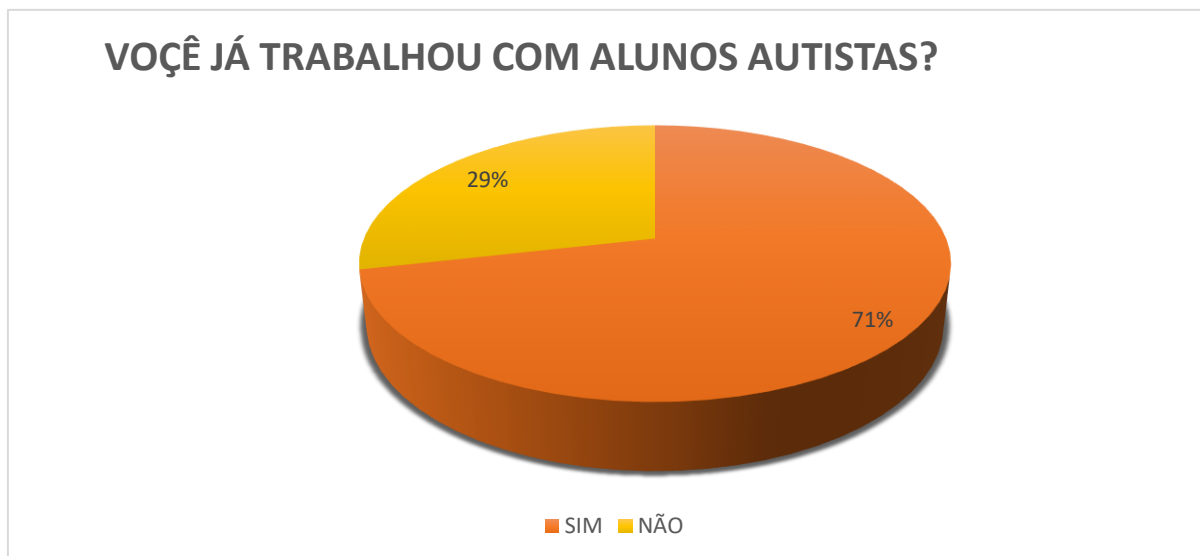


GRÁFICO 1: você já trabalhou com alunos autistas **FONTE:** Professores da EMEF Carmen Valente (2022).

Ao serem interrogadas, foi perceptível analisar quantas as suas respostas, visto que 71% já trabalharam com alunos autistas e se sentiram instigadas a conhecer este indivíduo, suas características e como trabalhar com ele no seu dia a dia, no entanto 29% das entrevistadas nunca tiveram contato com os alunos o que dificulta o seu trabalho, pois não é fácil lidar com o desconhecido.

O aluno com autismo encontra dificuldades de adaptar-se em sala de aula quando se depara com o conhecimento limitado do professor em relação às especificidades de sua deficiência, a convivência compartilhada da criança com autismo na escola, a partir da sua inclusão no ensino comum, torna possível o contato social e favorece não só o seu desenvolvimento, mas o das outras crianças, na medida em que elas possam conviver e aprender com as diferenças.

Conforme Belisário, Cunha e Mata (2010) é grande o impacto nos profissionais da educação que recebem estes alunos na escola e quando se deparam com suas reações, pois ainda estão diante de uma experiência nova. Face a essa novidade, muitos professores relatam sentirem-se despreparados para atender essa demanda na inclusão, gerando uma sobrecarga de estresse, o que dificulta e chega a uma certa frustração, pois não é fácil lidar com este público específico.

Após o primeiro contato, vem os desafios do dia a dia, no qual o professor procura pesquisar novas estratégias de ensino, metodologias diferenciadas para trabalhar com o autista, didáticas entre outros recursos e principalmente a rotina diária

trabalhada na escola e em casa em parceria com a família. Prosseguindo com a entrevista, buscou-se a seguinte pergunta: **Qual a sua experiência em trabalhar com alunos com transtorno do espectro Autista?**

Quadro 4: Qual a sua experiência em trabalhar com alunos com transtorno do espectro Autista?
FONTE: Professores da EMEF Carmen Valente (2022).

PROFESSOR(A)	RESPOSTAS
P1	Ainda não possuo nenhuma experiência com alunos autista, pois ainda não trabalhei com um.
P2	Uma experiência agradável e para que você possa alcançar algum objetivo com esse aluno e para que ele desenvolva suas habilidades, é necessária uma estrutura escolar eficiente, com preparo profissional envolvido no processo educativo.
P3	No início eu me assustei um pouco, devido nunca ter tido contato com uma pessoa autista, porém com o passar dos dias eu fui tentando uma aproximação no intuito de ter uma boa relação com o meu aluno, e comecei a entender e pesquisar ainda mais sobre o autismo e qual metodologia eu poderia estar usando com esse aluno.
P4	A experiência com certeza gratificante e desafiadora Acompanhar o desenvolvimento dessas crianças e contribuir com a evolução passo a passo
P5	Posso dizer que, assustadora (a princípio), quando acreditamos que nunca vai acontecer com a gente e muitas vezes fazemos vistas grossas quanto a essa realidade, porém incrível, quando você busca entender, aprender e acreditar na capacidade de desenvolvimento desses alunos por menor que seja.
P6	Nenhuma pois ainda não tive em minha sala.
P7	A minha experiência está acontecendo atualmente, neste ano. Estou somente há 3 meses trabalhando com uma turma na qual há um aluno com o referido transtorno.

Observa-se que durante as respostas das entrevistadas, grande parte delas, possui experiências e foram assustadoras e desafiadoras, pois não é fácil trabalhar com pessoas autistas, mais, é muito gratificante acompanhar esta evolução desde o início. Vários são os desafios, porém, as expectativas correlacionadas ao processo de ensino-aprendizagem são imensas quando positivas.

O processo de aprendizagem da criança com TEA, não ocorre de maneira momentânea, é um processo de longo prazo, por isso requer comprometimento, paciência e tranquilidade no momento de mediação. É importante ressaltar as potencialidades do aluno, e não pôr em evidência suas limitações. O aluno com TEA deve ser estimulado a descobrir o mundo ao seu redor, e expor suas vontades e desejos.

Os recursos que serão utilizados durante esse processo de aprendizagem têm um valor significativo, pois favorece o interesse do aluno. As atividades lúdicas oferecem grande interesse, mas apresentam certos desafios, e podem oferecer pouco

tempo de concentração, logo devem ser atividades criativas para que despertem o desejo e as ações pelas atividades desenvolvidas. O aluno autista requer uma atenção específica, para desenvolver alguns comportamentos e modificar outros. (VIGOTSKY,1989, p.45)

Vale ressaltar que o conhecimento profissional do professor vem a partir de uma experiência seja ela positiva ou negativa. Mediante a isto, através da experiência vivenciada com crianças autistas diariamente, facilita a compreensão de como lidar e trabalhar com ela. Ao perguntar para as professoras **Quais os principais desafios docentes enfrentados em alfabetizar alunos com TEA?**

Quadro 5: Quais os principais desafios docentes enfrentados em alfabetizar alunos com TEA? **FONTE:** Professores da EMEF Carmen Valente (2022).

PROFESSOR(A)	RESPOSTAS
P1	A falta de capacitação dos professores e a super lotação em sala de aula.
P2	Um dos principais desafios encontrados pelos docentes é a dificuldade que o aluno com TEA têm com as mudanças repentinas e inesperadas nas atividades em sala de aula, outra dificuldade é quando o docente não tem conhecimento das estratégias como trabalhar com este discente no ambiente escolar estando despreparados para realização de atividades com estes.
P3	Às vezes é a falta de conhecimento na área, pois a partir do momento em que você começa a ler sobre o autismo a mente vai se abrindo e novas ideias vão surgindo, as vezes é a falta de parceria entre a escola e a família, ou seja não tem um desafio específico quando se trate de autismo.
P4	O maior desafio é conseguir os apoios necessários Como fonoaudiólogo, tecnologia assistivas e outros materiais necessários para desenvolver um bom trabalho
P5	A prática de como trabalhar, porque na teoria tudo é fácil, porém, preparar e aplicar uma aula diferente todos os dias, buscar alternativas de como inserir esse aluno no contexto, e principalmente ter resultados positivos quanto a tudo que foi dito a cima.
P6	Ainda não tive essa experiência.
P7	Sou a professora titular da turma e trabalho junto à uma professora itinerante que acompanha o nosso aluno autista. Ela me ajuda muito nesse processo de alfabetização. Posso dizer que as maiores dificuldades que eu tenho é em relação ao tempo, pois a turma é composta por 30 alunos e nem sempre consigo um tempo diário para realizar atividades de alfabetização com esse aluno, principalmente por se tratar de uma turma de 4º ano, em que os objetos de conhecimento já não estão mais focados, essencialmente, no alfabetizar. Mas, quando consigo, percebo que transpondo a barreira de conquistar o interesse do aluno e respeitar o seu ritmo, o ensino da leitura e da escrita transcorre normalmente.

Vários são os desafios mencionados pelas entrevistadas, podendo listar alguns como: a falta da equipe multidisciplinar nas escolas, o tempo não contribui para a execução das atividades, as salas superlotadas, capacitação profissional do docente, a parceria entre escola e família, e para alguns profissionais na área da educação,

receber um aluno com um diagnóstico de Transtorno do Espectro Autista em uma sala de ensino regular, em muitos casos pode assustar no começo e nos leva a refletir diariamente, E agora? Será que eu vou conseguir ajudar esse meu aluno? Vou conseguir estimular a interação dele com os demais alunos? Que informações são necessárias para que eu consiga desenvolver o meu trabalho acolhendo adequadamente um aluno autista?

De acordo com Gauderer (1987), crianças com autismo podem apresentar dificuldade de aprendizagem, mas podem desenvolver habilidades linguísticas, motoras e interativas quando expostas a programas de estímulo à aprendizagem, com isso faz-se necessário trabalhar diversas estratégias e metodologias que alcance suas necessidades.

Nesse contexto, cabe à escola elaborar métodos e estratégias para que crianças autistas possam desenvolver suas habilidades, se integrando de forma plena ao meio e interagindo com as demais crianças. A família pode auxiliar neste processo, sendo responsável por construir uma parceria com a ela, capaz de fornecer ao aluno autista os meios necessários para que ele se sinta seguro e confortável na escola. Uma tarefa importante é dedicar algumas horas por dia para conversar com as crianças sobre as impressões deles, sobre o espaço, sobre o que aprenderam e etc.

O processo de aprendizagem de crianças com autismo pode ocorrer de forma mais lenta e gradativa, por isso é fundamental que o educador esteja qualificado para atender esse aluno, construindo técnicas de comunicação que possam atingi-lo de maneira significativa.

Ademais é preciso compreender que o ensino é uma das principais esferas a ser trabalhada no caso de crianças autistas. No entanto, é necessário estar pronto para atender às solicitações das crianças autistas, flexibilizar o diálogo, estimular a interação e ampliar a qualidade do convívio escolar para toda comunidade.

Só venceremos esses desafios quebrando todos os paradigmas impostos e buscando parcerias que venham garantir um ensino de qualidade as crianças com autismo, parcerias estas que venham subsidiar todas as necessidades dessas classes para se trabalhar de forma adequada, rever e questionar suas ideias sobre desenvolvimento, educação, normalidade e competência profissional.

Prosseguindo, perguntou-se **quais foram as práticas pedagógicas utilizada por você ao trabalhar no processo de alfabetização do aluno TEA?**

Quadro 6: Quais foram as práticas pedagógicas utilizada por você ao trabalhar no processo de alfabetização do aluno TEA? **FONTE:** Professores da EMEF Carmen Valente (2022).

PROFESSOR(A)	RESPOSTAS
P1	Nenhuma, pois ainda não possui contato com um.
P2	Bom a melhor forma de adequar um estímulo no discente seria aplica linguagem objetiva, privilegiar vínculos afetivos, habilidades individuais, propor atividades que estimulem o pensamento lógico utilizar jogos e evitar atividades longas.
P3	Quando eu trabalhei com o aluno autista, eu procurava ajudá-lo com as atividades que o professora titular passava, porém tinha que ser tudo no tempo dele, ou seja tinha dias que ele optava por fazer apenas desenhos, outra vez ele fazia as atividades passada pelo professor, ou até mesmo tinha dias que o aluno queria brincar, era quando eu usava a parte lúdica, deixava ele usar a imaginação para eu poder entender o que mais chamava a atenção do mesmo e trabalhar a metodologia em cima disso.
P4	Entre as práticas utilizadas as mais usadas por chamar a atenção dos alunos autistas estão o tangran, encaixes, alfabetos móveis, jogo de montar palavras e frases. Por ser práticas prazerosas a alunos autistas onde eles se sentem motivados e felizes de fazer
P5	Jogos, recortes e colagens, diálogos, pinturas, vídeos educativos adequando com o conteúdo programático exigido.
P6	Nenhuma
P7	Proponho atividades impressas interativas, com apoio visual e colorido. Além disso, recursos concretos, principalmente em Matemática, demonstraram ser efetivos, como ábacos, material dourado... Em se tratando do meu aluno, ele gosta muito de desenhar, então, muitas vezes, durante as explicações dos conteúdos, solicito a participação dele nesse quesito – ele já desenhou mapas, formas geométricas e entre outras coisas, no quadro branco para complementar a minha explicação, e acredito que seja algo que o ajuda a entender, mesmo que um pouco, os assuntos abordados em sala de aula. Em provas escritas, costumo utilizar os seus desenhos como fator avaliativo.

De acordo com as respostas das entrevistadas, torna-se evidente que várias foram as estratégias utilizadas por elas, pois grandes partes das professoras já tiveram essas experiências e buscaram metodologias diferenciadas para atrair o olhar do autistas para os processos de alfabetização e as atividades propostas em sala de aula.

Como a aprendizagem dos alunos com alguma necessidade pode ocorrer de forma mais lenta e gradativa, é fundamental que o educador esteja qualificado para atender suas especificidades, construindo técnicas de comunicação que possam atingi-lo de maneira significativa. É preciso compreender que o ensino é uma das principais esferas a ser trabalhada no caso dessas crianças. Sendo assim, é preciso estar pronto para atender as solicitações desse público, flexibilizar o diálogo, estimular a interação e ampliar a qualidade do convívio escolar para toda comunidade.

Todo esforço é necessário para ensinar um aluno digráfico a ler e processar informações com muito mais eficácia e de aprendizagem matemática, raciocínio lógico. Deve-se usar métodos apropriados e com eficiência. O papel dos pais e

professores é identificar contribuir para que o transtorno seja identificado o mais cedo possível e compreender como a criança disgráfica aprende e como necessita de um tratamento necessário.

O professor deve ler as atividades da criança de tal maneira que ela não subestime sua habilidade. As respostas orais são as melhores da sua capacidade de trabalho escrito. A avaliação deve ser feita de acordo com seu conhecimento e não com suas dificuldades e erros de ortografia. (TAVARES, 2008, p 22).

A ação e o planejamento do professor serão necessários para a construção da aprendizagem do aluno com dificuldade, uma vez que, compreendendo as particularidades de cada um, avaliando de acordo com seu progresso, reconhece-se esses avanços passo a passo. É importante compreender que os alunos precisam receber estímulos para todas as suas realizações de aprendizado, para que eles criem táticas para avançar seu aprendizado e, dessa forma, se tornarem mais seguros.

Deve-se desenvolver, ainda, outras estratégias para melhorar o desempenho do aluno como: respeitar o ritmo de aprendizado, não mencionar para o aluno que ele é lento ou não inteligente, trabalhar com atividades para desenvolver consciência fonológica em sala de aula, estimular a autoconfiança e não realizar atividades que façam com que ele se sinta envergonhado diante dos colegas.

Nesse sentido, segundo Santos (2008, p. 30) é que os professores devem direcionar sua prática pedagógica e tornar possível a socialização da criança com autismo na sala de aula e adequar a sua metodologia para atender as necessidades destes. Em muitas situações, as crianças com autismo acabam ficando às margens do conhecimento ou não participam das atividades, o que exige do professor sensibilidade para incluí-lo ao máximo no convívio com o meio, visto que é no processo de socialização e interação que se constitui o desenvolvimento e aprendizagem.

Alfabetizar uma criança não é fácil, e acontece de forma lenta, pois, dependendo dos níveis de dificuldades apresentadas pelo discente, cria-se estratégias de ensino que contemple todas as expectativas do professor para alcançar as metas de ensino e aprendizagem ao aluno autista.

Indagou-se as entrevistadas: **Qual a parcela de contribuição da escola com relação aos recursos pedagógicos utilizados para trabalhar uma aula acessível com alunos de inclusão?**

Quadro7: Qual a parcela de contribuição da escola com relação aos recursos pedagógicos utilizados para trabalhar uma aula acessível com alunos de inclusão? **FONTE:** Professores da EMEF Carmen Valente (2022).

PROFESSOR(A)	RESPOSTAS
P1	Infelizmente ainda não pude fazer essa contribuição.
P2	Bom nesse contexto o aluno é sujeito de direito e foco central de toda ação educacional, garantir a sua caminhada no processo de aprendizagem e de construção das competências necessárias para o exercício pleno da cidadania é por outro lado objetivo de toda ação educacional.
P3	Bem pouco, acredito eu que a maior contribuição vem do professor, pois tem sempre que estar inovando em suas metodologias para assim conseguir uma boa interação com o os alunos.
P4	Essa atribuição fica por conta da secretaria de educação. Na verdade, essa contribuição tem sido feita de forma modesta. Onde os profissionais precisam confeccionar materiais necessários
P5	Atualmente menina das escolas que trabalho a contribuição com recursos pedagógicos tem sido satisfatória, porém, nem sempre foi assim, na outra, contribuição é mínima.
P6	Nenhuma.
P7	A contribuição é significativa, pois na escola em que trabalho há uma sala de recursos multifuncionais, na qual se realiza o atendimento educacional especializado aos alunos com transtornos, deficiência ou altas habilidades. Nessa sala, há muitos materiais possíveis de serem trabalhos com os alunos inclusos.

Conforme as contribuições pedagógicas realizada pela escola, as entrevistadas enfatizaram que em alguns casos, a escola possui a Sala de Recursos Multifuncionais, esses atendimentos são diferenciados, pois, a escola já detém de diversos recursos pedagógicos já utilizados e trabalhados com os alunos, em outros casos muitos professores trabalham por conta própria, ou seja, constrói recursos pedagógicos de cunho próprio.

Vale ressaltar que os alunos TEA, tem direito ao acompanhamento educacional especializado e esse profissional faz todas as adequações curricular, adaptação pedagógica e trabalha de acordo com o potencial do aluno e suas limitações.

Estudos têm evidenciado que a comunicação por meio de imagens é uma das estratégias mais importante na intervenção no TEA. Devemos observar que a maioria dos autistas, possuem dificuldades em representar um objeto ausente, necessitando de instrumentos de apoio para que seja possível esta representação mental.

Assim, através do uso de imagens a pessoa com TEA obtém uma melhor compreensão, que vem colaborar significativamente no processo de organização do pensamento e da linguagem. Desta forma, um dos principais motivos para utilização

da linguagem visual é considerá-la uma ferramenta importante para potencializar a aprendizagem destes estudantes.

O atendimento educacional especializado, ele acontece em dois momentos, sendo que o aluno com deficiência tem direito a duas matrícula na escola aonde tem SRM, sendo assim, uma no ensino regular e outra no contra turno. O atendimento educacional especializado quando trabalhado na sala de recurso, visa trabalhar suas especificidades, atividades de vida diária, entre outros serviços e na sala de ensino regular buscando trabalhar o currículo e a sua autonomia mediante as atividades pedagógicas. Quando questionadas sobre **na sua concepção como a escola deve acolher os pais de alunos com deficiência?**

Quadro 8: Na sua concepção como a escola deve acolher os pais de alunos com deficiência?

FONTE: Professores da EMEF Carmen Valente (2022).

PROFESSOR(A)	RESPOSTAS
P1	Acolhendo-os de modo com que se sintam abraçados e que eles não possam se sentir sozinhos nessa caminhada. É incluindo seus filhos em atividade juntamente com os ditos normais
P2	A escola deve propor ações, tais como, grupos de trocas de experiência entre familiares, em que possa existir acolhimento e ajuda mútua.
P3	A escola tem por obrigação acolher os pais com maior parceria, pois a participação dos pais é muito importante no processo de aprendizagem da criança, e são eles responsáveis por grande parte da aprendizagem de seus filhos, por isso é de suma importância o acolhimento da relação escola e família.
P4	Com certeza com outra postura por parte da secretaria de educação e a escola deveria ter projetos voltados para esclarecer essas famílias para melhor entender as crianças e o trabalho dos professores, pois o acolhimento do aluno da educação especial começa com a família, depois com professores e Alunos e comunidade.
P5	Com reuniões periódicas de pais/mestres em uma sala calma, dinâmica, não descartando palestras, acompanhamento com pedagogo, psicopedagogos, psicólogo, bate papos abertos com experiências compartilhadas entre as esferas envolvidas.
P6	Agir de maneira em que a família se sinta confortável no ambiente escolar, pois na maioria das vezes o pai não entendi muito bem do que se trata, então o professor precisa fazer essa ponte para que o pai se sinta confortável.
P7	Com paciência e muito respeito. Além disso, caso os responsáveis sejam carentes de informações a respeito da deficiência de seu filho, acredito que a escola deve ser espaço informativo – promovendo palestras e reuniões com a participação de profissionais especialistas no assunto.

O processo de acolhimento é a melhor forma de envolver a família nesta relação que se faz necessária na vida acadêmica de seus filhos, as entrevistadas enfatizaram que a melhor forma de atrair a família dos alunos é se colocar no lugar deles tendo empatia, promover palestras, reuniões com equipe multidisciplinar, roda de conversas e troca de experiências.

Conota-se varias intervenções a serem trabalhadas pela escola para buscar essas parcerias entre família e escola, na qual cada uma precisa ter ciência de suas funções para que juntos alcancem as metas propostas no plano de desenvolvimento Individual do aluno TEA.

De acordo com Cunha (2014) ressalta a importância da relação família e escola, dizendo que os professores que se dedicam ao trabalho e aceitam os desafios servem de inspiração para os pais, da mesma forma que os pais que não perdem as esperanças estimulam o professor.

Portanto, essa relação cabe à escola em geral, visto que, não só os professores estão envolvidos com a família, mas todo o corpo escolar. Dessa maneira é de grande importância que a escola como um todo participe ativamente do desafio que é a inclusão, para que esta possa ser realizada da maneira correta.

3.5 PROPOSTA DE INTERVENÇÕES

A escolha do tema acerca do Transtorno do Espectro Autista, especificamente, ocorreu através do interesse prévio sobre os desafios em alfabetizar alunos autistas. Portanto, a necessidade em analisar os desafios encontrados pelos docentes no processo de ensino-aprendizagem do aluno com TEA em sala de aula, encandeou várias vertentes a partir da falta de conhecimento sobre o autismo, em decorrência destes fatos sugere uma atenção diferenciada, tendo em vista que a escola possui um papel fundamental neste processo. No intuito de contribuir no processo de ensino-aprendizagem, fez se as seguintes propostas de intervenção:

- Propor a capacitação dos servidores da escola a cada semestre;
- Promover Reuniões com os pais periodicamente, para que eles recebam um feedback do processo de ensino de seu filho;
- Requerer rodas de conversas e troca de experiências entre familiares, professores e equipe multidisciplinar;
- Elaborar e Executar projetos de intervenções pedagógicas para alfabetizar alunos da escola com déficits de aprendizado;
- Promover oficinas de recursos pedagógicos para trabalhar a necessidade do aluno;

- Fomentar capacitações sobre TEA pela sala de recurso multifuncional e disponibilizar aos professores o estudo de caso e relatórios semestrais dos alunos da escola.

Com isto, as propostas de intervenções iram melhorar com relação aos desafios em alfabetizar alunos com TEA, provenientes sobre o processo de ensino-aprendizado dos alunos com TEA.

CONCLUSÃO

Neste trabalho de conclusão de curso a temática abordada visa analisar os desafios em alfabetizar alunos com Transtorno Espectro Autista na Escola Municipal de Ensino Fundamental Carmem Valente no Município de Jacareacanga –Pará, tendo em vista que o transtorno do espectro autismo é um transtorno do desenvolvimento neural que compromete a fala, a interação social e o comportamento. Cabe, portanto, esclarecer que a escola não tem a função de diagnosticar a criança com autismo, pois esta função é atribuída a um profissional da saúde, no entanto a escola detém de uma autonomia fundamental em observar o sujeito no ambiente escolar, o seu desenvolvimento e a sua interação com os demais alunos entre outros aspectos.

Assim, pode-se observar que o transtorno do espectro autismo, em especial seu diagnóstico e intervenções, são características que dificultam seriamente o dia a dia das pessoas nessas condições e que impedem o estreitamento de relações com o meio social e educacional. Com isso é essencial discutir os aspectos do desenvolvimento do aluno autista logo na primeira infância.

Tendo em vista que desenvolver e trabalhar com crianças autistas não é uma tarefa muito fácil, pois precisa de profissionais capacitados em atender da melhor forma possível aos seus alunos com TEA, procurando sempre novos estudos sobre o assunto e novos métodos e estratégias de ensino-aprendizagem para ser colocada em prática o processo de alfabetização.

Dessa maneira, conforme mencionado nas pesquisas com os entrevistados, o professor tem o papel de alfabetizar os alunos durante o ciclo de alfabetização e durante todo o ano letivo apontando a necessidade encontrada pelo docente na série em que o aluno com autismo foi detectado, percebe-se o real desafios do docente, a partir disso, aponta-se o que seria o autismo, como alfabetizar alunos com TEA e alguns métodos de ensino e o papel do educador, o acolhimento ideal aos pais e responsáveis, os desafios enfrentados neste processo de alfabetizar.

Dessa forma esta monografia servirá como fonte de pesquisa bibliográfica para que os interessados possam buscar e compreender com mais clareza nesta coletânea, oportunizando o leitor de absorver as concepções de análises dos professores aos desafios enfrentados no processo de alfabetizar alunos com TEA.

Portanto a relevância do presente estudo desempenha papéis importantes e fundamentais no processo de ensino-aprendizado de alunos com TEA. No entanto sugeriu-se a escola propostas benéficas que viabilizarão o quadro atual visando capacitar servidores da escola, promover reuniões com os pais periodicamente, elaborar projetos de intervenções pedagógicas para alfabetizar alunos da escola com déficits de aprendizado, através de recursos lúdicos e oficinas de alfabetização.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BALESTRO, J. I.; FERNANDES, F. D. M. **Questionário sobre dificuldades comunicativas percebidas por pais de crianças do espectro do autismo**. Rev. soc. bras. Fonoaudiol. São Paulo, v. 17, n. 3, p. 279- 286, 2012. Disponível em: Acesso em: 01/05/2022.

BARBOSA, Gabriele Fernanda Cordeiro. **Processo de Alfabetização de Crianças diagnosticadas com TEA**. Caderno Intersaberes-v.9N18-2020.

BELISÁRIO J.F.; MATA O.M.; CUNHA P. **A inclusão escolar de estudantes com autismo na Rede Municipal de Educação de BH- síntese da frente de trabalho autismo e síndromes**. – Belo Horizonte: PBH, 2008.

BENSI, Thamara. **Curso de Aprofundamento em Transtorno do Aspecto Autista. O segredo do Chá**. Curso on-line, S.P 2015, p.36.

BODDAERT, Nathalie. **Autismo: neuroimagem**. França, 2006. Revista Brasileira Psiquiatria. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbp/v28s1/a04v28s1.pdf>>. Acessado em: 19 DE JULHO. 2002.

BRASIL. Decreto nº 7.611, de 17 de novembro de 2011. **Dispõe sobre a educação especial, o atendimento educacional especializado e dá outras providências**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2011/decreto/d7611.htm. Acesso em: 17 jun 2022.

BRASIL. Ministério da Saúde, **Linha De Cuidado Para Atenção Integral As Pessoas Com TEA e suas Famílias no Sistema Único de Saúde**. BRASÍLIA-DF.2013.

BRASIL. Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 1996. **Estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas portadoras de 52 deficiência ou com mobilidade reduzida, e dá outras providências**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L10098.htm Acesso em:17 jun 2022.

BRASIL. Lei nº 13.977, de 08 janeiro de 2020. Altera a Lei nº 12.764, de 27 de dezembro de 2012 (Lei Berenice Piana), e a Lei nº 9.265, de 12 de fevereiro de 1996, **para instituir a Carteira de Identificação da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista (Ciptea), e dá outras providências**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2020/lei/L13977.htm Acesso em: 17 jun 2022.

BRITES. Luciana. **Mentes Únicas**. São Paulo: Editora Gente, 2019.192p.

BRITO, M. C. **Estratégias práticas de intervenção nos transtornos do espectro do autismo**. E-book: Saber Autismo, 2017. Disponível em: <<http://www.mariaclaudiabrito.com.br/>> Acesso em: 12 jan.2021.

CAMARGO, S. P. H., & Bosa, C. A. (2009). **Competência social, inclusão escolar e autismo: Revisão crítica da literatura.** *Psicologia & Sociedade*, 21(1), 65-74. DOI:

FERREIRA, S. H. A., & Barrera, S. D. (2010). **Ambiente familiar e aprendizagem escolar em alunos da educação infantil.** *Psico*, 41(4), 12.

GADIA, Carlos.M.D. **Cartilha Autismo e Educação Estratégias de Identificação: Autismo como Identificar.** São Paulo;2013.

GAIATO, Mayra Bonifacio; **Mundo Singular 1.** Entendendo o autismo. Rio de Janeiro: Objetiva LTDA,2012.

GAIATO, Mayra Bonifacio; **Mundo Singular 2.** Entendendo o autismo. Rio de Janeiro: Objetiva LTDA,2012.

GARCIA, Priscila Mertens; **Causas Neurológicas Do Autismo**, Paraná, jan/jun. 2011.O Mosaico. Disponível em: <http://periodicos.unespar.edu.br/index.php/mosaico/article/viewFile/19/pdf>. Acesso em: 22 ago. 2021.

GOMES, C. G. S., & Mendes, E. G. (2010). **Escolarização inclusiva de alunos com autismo na rede municipal de ensino de Belo Horizonte.** *Revista Brasileira de Educação Especial*, 16(3), 375-396. DOI: 10.1590/S1413-65382010000300005 » <https://doi.org/10.1590/S1413-65382010000300005>

KUCZYNSKI, Evelyn. **Autismo Infantil. Novas Tendências e Perspectivas.** São Paulo.2015

LACERDA, Lucelma. **Autismo: Compreensão e Práticas Baseadas em Evidências;** Curitiba-PR. 2020.

LOPEZ, J. C. **A formação de professores para a inclusão escolar de estudantes autistas: contribuições psicopedagógicas.** 2011. Trabalho final do curso (Especialização em psicopedagogia clínica e institucional) - Universidade de Brasília. Instituto de Psicologia – Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento – PED, Brasília, 2011.

MANTOAN, Maria Teresa. E. **Inclusão social: O que é? Por quê? Como fazer?** (Coleção cotidiano escolar). Ed. Moderna, São Paulo, 1997, P, 12.

MARTINS, Lucia de Araújo Ramos. **Reflexões sobre a formação de professores com vistas à educação inclusiva.** IN: MIRANDA, T.G; FILHO, T.A.G (Orgs.). O professor e a educação inclusiva: formação, práticas e lugares. Salvador: EDUFBA, 2012.

MOSQUERA, Carlos Fernando França. **Funcionamento cerebral do Autismo**, Rio de Janeiro jan/jun. 2011. O Mosaico. Disponível em: <http://periodicos.unespar.edu.br/index.php/mosaico/article/viewFile/19/pdf>. Acesso em: 22 novembro de 2021.

NASCIMENTO, G. S. R. do. **Método de Alfabetização para Alunos Autistas** (MAPA): Alternativa da Clínica- Escola do Autista, 2016, p. 122, Dissertação (Mestrado Profissional em Diversidade e Inclusão) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2016.

NÓVOA, Antônio (Org.). **Os Professores e Sua Formação**. 2ª ed. Lisboa: Dom Quixote, 1995.

QUEIROZ, S. M. A.; FERREIRA, S. P. A. **Mediação docente na alfabetização do aluno com TEA: um olhar sobre as estratégias pedagógicas na produção de texto escrito**. Disponível em <https://www.ufpe.br/documents/39399/2442885/QUEIROZ_+FERREIRA+-+2018.2.pdf/f636d050-288c-428c-b0c3-be58432fe5b5> Acesso em: 14 jan. 2022.

REVELES, Leandro Thadeu. **Avaliação Neuropsicológica Do Transtorno Do Espectro Autista**. Rio de Janeiro: Objetiva LTDA, 2012.

REVELES, Leandro Thadeu. **Mundo Singular 1: Entendendo o Autismo**; Rio de Janeiro: Objetiva LTDA, 2012.

SANTOS, A. M. T. dos. Autismo: **desafio na alfabetização e no convívio escolar. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Distúrbios de Aprendizagem)**. Centro de Referência em Distúrbios de Aprendizagem (CRDA), São Paulo, 2008. Disponível em: < <http://www.crda.com.br/tccdoc/22.pdf>>. Acesso em: 5 de out. de 2021

SANTOS, A. T. S. S. et al. **Possibilidades e desafios da alfabetização: relato de experiência de uma docente dos anos iniciais do ensino fundamental**. Disponível em <https://www.editorarealize.com.br/editora/anais/cintedi/2018/TRABALHO_EV110_M D1_S A16_ID1930_25072018101317.pdf> Acesso em: 14 jan. 2022

SERRA, D. C. G. A (2004). **Inclusão de uma criança com autismo na escola regular: desafios e processos**. Pdf. UERJ. [http://www.proped.pro.br/teses/teses_pdf/Dayse Carla Genero Serra-ME.pdf](http://www.proped.pro.br/teses/teses_pdf/Dayse%20Carla%20Genero%20Serra-ME.pdf).

SILVA, Ana Beatriz Barbosa. **Mundo Singular**. Entendendo o autismo. Rio de Janeiro: Objetiva LTDA, 2012.

SOARES, Magda. B. **Alfabetização e letramento: caderno do professor** / Magda Becker Soares; Antônio Augusto Gomes Batista. Belo Horizonte: Ceale/FaE/UFMG, 2005. 64 p.

WILLIAMS, John Warren. **Funções Executivas em Crianças e Adolescentes com Transtorno do Espectro do Autismo: Uma Revisão**, Porto Alegre, out/nov. 2021. Psico. Disponível em: < <https://www.lume.ufrgs.br/b>.

ZAGURRY, Tânia. **O professor refém: para pais e professores entenderem porque fracassa a educação no Brasil**. Rio de Janeiro: Reco.

APÊNDICE



CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE ITAITUBA-CESUPI
FACULDADE DE ITAITUBA-FAI
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA

Este questionário tem como finalidade contribuir para o trabalho de conclusão de curso-TCC, intitulado: **“Desafios em Alfabetizar alunos com TEA em Tempos de Pandemia: Análise na Escola Municipal de Ensino Fundamental Carmem Valente no Município de Jacareacanga –Pará”**

Acadêmicas: Edinelma Ferreira Lima

Orientadora: Professora Esp. Edilane da Silva Melo

QUESTIONÁRIO

Dados do perfil dos participantes

Sexo: () Feminino () Masculino
Idade: _____ anos.
Quanto tempo trabalha na educação: _____
Possui Especialização? _____
Qual? _____

1) Na sua concepção o que é autismo?

2) Quais as características de um aluno autista?

3) Você já trabalhou com alunos autista?

() sim () não

4) Qual a sua experiência em trabalhar com alunos com transtorno do espectro Autista?

- 5) Quais os principais desafios docentes enfrentados em alfabetizar alunos com TEA?

- 6) Quais foram as práticas pedagógicas utilizada por você ao trabalhar no processo de alfabetização do com aluno TEA?

- 7) Qual a parcela de contribuição da escola com relação aos recursos pedagógicos utilizados para trabalhar uma aula acessível com alunos de inclusão?

- 8) Na sua concepção como a escola deve acolher os pais de alunos com deficiência?

OBRIGADA POR COLABORAR COM MEU TRABALHO ACADÊMICO!